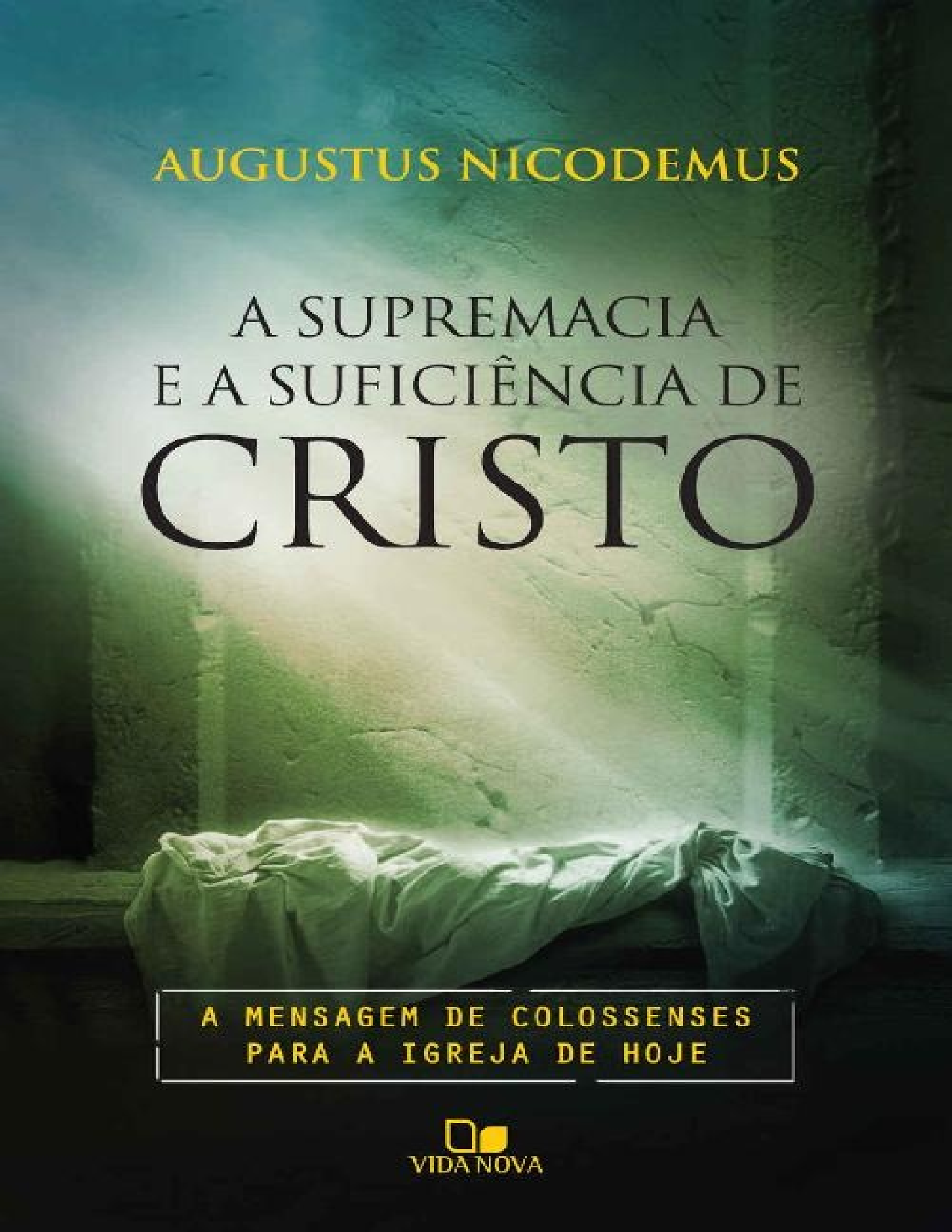

AUGUSTUS NICODEMUS
A SUPREMACIA E A SUFICIÊNCIA DE CRISTO
A MENSAGEM DE COLOSSENSES PARA A IGREJA DE HOJE
VIDA NOVA

A SUPREMACIA E A SUFICIÊNCIA DE CRISTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Augustus Nicodemus

A supremacia e a suficiência de Cristo: a mensagem de Colossenses para a igreja de hoje / Augustus Nicodemus Lopes. – São Paulo: Vida Nova, 2013.

ePub

ISBN 978-85-275-0629-8 (recurso eletrônico)

1. Bíblia NT. Colossenses 2. Bíblia NT. Colossenses – Comentários I. Título.

13-04540 CDD-227.707

Índices para catálogo sistemático:

1. Colossenses: Novo Testamento: Bíblia: Comentários 227.707

AUGUSTUS NICODEMUS

A SUPREMACIA E A SUFICIÊNCIA DE CRISTO

A MENSAGEM DE COLOSSENSES PARA A IGREJA DE HOJE

VIDA NOVA

Copyright © 2013, Edições Vida Nova

1.ª edição: 2013

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos,xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação da fonte.

SUPERVISÃO EDITORIAL
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COPIDESQUE
Maurício Zágari
Hendrika Vasconcelos

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS
Fernando Pires
Josiane S. de Almeida

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

DIAGRAMAÇÃO
Sk Editoração

DIAGRAMAÇÃO PARA E-BOOK
Felipe Marques

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Wesley Mendonça

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão *Almeida Século 21*, publicada no Brasil com todos os direitos reservados por Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

Sumário

Prefácio
Introdução

CAPÍTULO 1
A pessoa e a obra de Cristo

CAPÍTULO 2
A proclamação do evangelho e o combate às heresias

CAPÍTULO 3
Uma vida focada em Cristo e nas coisas de cima

CAPÍTULO 4
A fé posta em prática

Conclusões gerais

Prefácio

Alguém já disse que a maior lição que se pode aprender da história é que poucos aprendem as lições que ela ensina. O autor dessa frase estava se referindo ao fato de que, geração após geração, os mesmos erros teológicos dos primeiros séculos do cristianismo reaparecem, ainda que em roupa nova.

Estou convencido de que ele estava absolutamente correto. O leitor tem em mãos a prova disso. Paulo escreveu a carta aos colossenses em meados do primeiro século para combater um falso ensinamento, conhecido como a heresia de Colossos, que consistia numa combinação atraente de práticas legalistas, promessas místicas, rituais ascéticos e conhecimento gnóstico. Seus defensores ensinavam que a salvação era alcançada mediante um conhecimento secreto, que não fora revelado nem mesmo aos apóstolos originais, do qual eles, os mestres gnósticos, eram guardiães. Esse conhecimento tinha a ver com entes celestiais que funcionariam como mediadores e requeriam adoração e culto para mediar o caminho através do *pleroma*, a plenitude espacial entre Deus e os homens. Além disso, alegavam que era preciso praticar a Lei de Moisés, especialmente a circuncisão, a observância do calendário judaico, da dieta levítica e a abstinência de prazeres ainda que lícitos, mediante rigor ascético. Em outras palavras, os falsos mestres defendiam novas revelações, conhecimento privilegiados de alguns, misticismo e legalismo — tudo em nome de Jesus.

O leitor atento que esteja familiarizado com a situação da igreja evangélica brasileira não terá dificuldade em identificar semelhanças com a heresia de Colossos. Práticas legalistas de usos e costumes como condição para a salvação, práticas místicas e supersticiosas — que têm aparência de piedade, mas nenhuma fundamentação bíblica

— são pregadas e anunciadas diariamente pelos meios de comunicação e nos cultos, por pregadores evangélicos e líderes de seitas que se apresentam como pessoas que mantêm uma relação especial e única com Deus. Afirmam ter recebido uma unção que os distingue e separa dos cristãos comuns. E demandam obediência e fidelidade incontestes de seus seguidores.

A resposta de Paulo ao desafio da heresia de Colossos foram a supremacia da pessoa e da obra de Jesus Cristo. Nele os crentes encontram gratuitamente tudo o que pertence à salvação. Nele estão aperfeiçoados. Nele reside toda a plenitude e todo o conhecimento. Acrescentar a Cristo alguma coisa é negar sua pessoa e obra. Acredito que esta é a mensagem que precisa ser pregada urgentemente nos púlpitos brasileiros: Cristo, o Senhor.

Essa é a mensagem de Paulo aos colossenses e também a mensagem deste livro que o leitor tem em mãos. Ela foi inicialmente apresentada sob a forma de mensagens expositivas em diversos contextos. Minha oração a Deus é que este livro seja usado para ajudar a igreja evangélica brasileira a permanecer firme em Jesus Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.

Rev. Dr. Augustus Nicodemus Lopes
Maio de 2013

INTRODUÇÃO

A epístola de Paulo aos colossenses é um dos menores livros da Bíblia, composto de apenas quatro capítulos. Apesar disso, é um texto extremamente relevante para a igreja do século 21, pois um estudo mais aprofundado é capaz de mostrar como muitos dos problemas que existem na atualidade no meio evangélico já existiam dois mil anos atrás.

Neste capítulo, veremos como Colossenses é uma epístola extremamente relevante, embora muitos costumem fazer uma leitura superficial da carta. Também vamos entender em que circunstâncias o apóstolo Paulo escreveu esse texto, direcionado inicialmente para a igreja que se reunia na cidade de Colossos.

A relevância de Colossenses

A relevância da epístola aos Colossenses nem sempre é percebida em sua totalidade. Isso ocorre, em parte, porque sua localização no cânon do Novo Testamento é perto de Efésios, carta que, via de regra, ganha mais atenção. Quase todos os cristãos leram ou conhecem a epístola à igreja de Éfeso, mas nem tantos dedicaram igual atenção ao que Paulo escreveu à de Colossos. No entanto, embora seja menos conhecida e lida, isso em nada diminui sua relevância e importância para nossos dias.

Colossos era uma cidade pequena e considerada relativamente insignificante. Todavia, talvez Paulo nunca tenha escrito uma carta tão importante quanto a epístola aos colossenses — o que prova que estava tão interessando nas igrejas das grandes cidades quanto nas das menores.

A relevância dessa epístola reside, em primeiro lugar, no fato de que ela fala da pessoa de Cristo e de sua obra mais do que qualquer outra do Novo Testamento. De forma panorâmica, o texto ensina, acima de tudo, que Jesus é a solução para todos os males. E esse é, sem dúvida, um dos temas mais relevantes e necessários para a igreja cristã e para o mundo no século 21. Vivemos em uma época em que, mais do que nunca, é de uma importância indizível a igreja compreender Jesus e os atos que realizou. A proliferação de seitas dentro do cristianismo, o crescimento do misticismo e de uma pretensa espiritualidade nas igrejas consideradas evangélicas e o enrijecimento organizacional de várias das denominações históricas demandam uma nova apreciação da pessoa e da obra de Jesus, como pressuposto essencial de uma renovação ou reavivamento espiritual e teológico.

A segunda razão que torna essa carta tão relevante é o fato de ela nos ensinar de que maneira podemos viver a vida cristã no mundo real e diante dos desafios cotidianos. É certo que Paulo trata disso em outras epístolas do cânon, mas particularmente na carta aos colossenses ele dá ênfase à união do cristão com Jesus e aos efeitos práticos decorrentes dela. Paulo oferece *insights* preciosos sobre como podemos nos revestir das virtudes de Deus e viver de maneira prática na civilização ocidental de nossos dias.

O terceiro motivo que confere tanta relevância a essa carta é por ela combater quatro tendências da época de Paulo que ainda hoje assolam a igreja: o gnosticismo, o legalismo, o misticismo e o ascetismo. Essas linhas de pensamento estavam reunidas em um único movimento, que ameaçava as igrejas na região em que se encontravam as cidades de Colossos, Hierápolis e Laodiceia. Analisaremos de forma aprofundada as últimas três tendências mais à frente, mas já apresento uma pequena exposição do gnosticismo, pois é de fundamental importância para a compreensão do início deste estudo.

No primeiro século da era cristã, despontou no seio da igreja uma forma de gnosticismo que alegava apresentar um conhecimento secreto e misterioso a respeito de Deus para poucos privilegiados. Embora muitos creiam que essa filosofia tenha desaparecido com o tempo, o gnosticismo nunca de fato foi erradicado da igreja. A heresia gnóstica foi o primeiro grande desvio doutrinário surgido no cristianismo e quase acabou com a igreja no primeiro e no segundo séculos da era cristã — não fosse a providência divina em levantar homens como Ireneu e Tertuliano, por exemplo, que combateram esse pensamento. O gnosticismo oferecia um conhecimento acerca de Deus e da salvação supostamente secreto, alheio ao ensino dos apóstolos, que teoricamente levaria as pessoas à perfeição, à plenitude do conhecimento de Deus.

Ainda que a igreja tenha vencido no passado a batalha contra o gnosticismo, a ideia de que existe um conhecimento secreto sobre Deus — algo que vai além do revelado nas Escrituras e que o Senhor teria reservado para uns poucos privilegiados — continuou ao longo da história da igreja e faz parte de muitas teologias defendidas até nossos dias.

Circunstâncias históricas

É muito importante compreender as circunstâncias em que cada livro da Bíblia foi escrito. Com Colossenses não é diferente. Pois só mediante a percepção clara acerca do momento em que essa carta foi escrita é possível entender exatamente o que ela está dizendo sem elaborar interpretações equivocadas. Assim, é essencial realizar um exercício de reconstituição do ambiente original de composição da carta: quando, como e por que ela foi escrita? A quem ela foi destinada? Qual foi o objetivo de Paulo ao enviá-la? Se parte dessas perguntas for respondida, teremos a chave para compreendê-la com mais exatidão.

É possível chegar ao conhecimento que a Bíblia pretende passar sem que se saibam exatamente as circunstâncias em que cada livro surgiu. Porém, esse conhecimento torna a leitura melhor e mais profunda, correta e esclarecedora, além de proteger os leitores de vários erros de interpretação. A bem da verdade, não existe uma dependência compulsória de ciências como arqueologia, história e geografia para que sejamos capazes de entender os livros das Escrituras corretamente: eles subsistem por si mesmos. Sua mensagem é clara. Todavia, se outros conhecimentos nos ajudam a entender as circunstâncias em que esses livros foram produzidos, teremos uma perspectiva melhor, trechos mais obscuros passarão a fazer sentido e partes que à primeira vista pareceriam óbvias serão vistas de maneira diferente.

No caso específico da epístola aos Colossenses, o texto diz que Paulo estava preso quando a escreveu. Em 4.18, o apóstolo diz: "Lembrem-se das minhas algemas". Essa é a linguagem de quem está preso, literalmente algemado. Diante disso, surge a pergunta: De qual prisão Paulo está falando? Essa pergunta aparece porque o livro de Atos nos fala que ele ficou preso um período em Cesareia, outro em Éfeso e também em Roma. Há quem defenda cada uma dessas cidades como sendo o local de seu cárcere naquela ocasião, mas creio na opinião tradicional e da maioria dos estudiosos: Paulo estava na capital do Império Romano, conforme descrito em Atos 28. Essa posição reflete a opinião da maioria dos estudiosos e é a que melhor se encaixa na cronologia da vida de Paulo bem como no desenvolvimento e crescimento do cristianismo apostólico no século primeiro.

Paulo foi levado a Roma como prisioneiro político e passou dois anos detido na cidade. Foi de lá que escreveu Efésios, Filemom, Colossenses e, provavelmente, Filipenses. Colossenses seria, então, uma das epístolas da prisão que o apóstolo produziu durante o tempo em que esteve encarcerado em Roma.

Com relação ao momento histórico, o próprio livro nos indica a ocasião precisa em que Paulo o teria escrito. O texto afirma que ele recebeu a visita de um cristão chamado Epafras, que havia se convertido na cidade de Éfeso mediante a pregação de Paulo (At 19). Aparentemente, Epafras era da cidade de Colossos, converteu-se a Cristo em Éfeso e foi enviado de volta para sua cidade natal para que pregasse o evangelho e começasse uma igreja naquela região.

Ao que parece, Epafras foi bem-sucedido, pois implantou igrejas nas cidades de Hierápolis, Laodiceia e Colossos. Especialmente nesta última o evangelho cresceu e, sob o seu pastoreio, uma comunidade razoavelmente forte de cristãos foi estabelecida. Quando tomou conhecimento de que seu mentor estava preso, foi visitá-lo na prisão, com dois objetivos: saber como estava o apóstolo e também conversar com ele acerca de uma dificuldade que estava enfrentado como pastor — a infiltração de uma perigosa heresia entre os irmãos que apascentava.

Os habitantes de Colossos eram em sua maioria gregos que seguiam suas próprias religiões. Desse modo, predominou ali a religião helênica clássica, as chamadas religiões de mistério — crenças místicas e esotéricas oriundas da Frígia e da Pérsia — e o culto ao imperador romano. Portanto, existia na região uma mescla de credos, além de sinagogas judaicas. Como as demais cidades do Império Romano daquele tempo, Colossos era extremamente religiosa. Nesse cenário, as igrejas cristãs começaram a abrigar um movimento liderado por pessoas que aparentavam ter grande piedade, sabedoria e conhecimento de Deus. Todavia, por meio delas, vieram também perturbadoras distorções do evangelho, heresias que começaram a convencer alguns dos cristãos da igreja local.

Ao ver essa situação alarmante, Epafras leva o problema a Paulo e procura obter de seu mestre e pai espiritual orientações sobre como enfrentar aquela heresia. O resultado é que o apóstolo procura escrever ele mesmo uma carta para a igreja de Colossos e outra para a

de Laodiceia — esta última se perdeu ao longo da história. Essas duas cartas circulares foram escritas para ser lidas naquelas igrejas e em outras. Por isso, na carta a Colossos ele dá informações de como ele está, transmite saudações de outros irmãos que se encontravam encarcerados com ele em Roma, recomenda outras pessoas e trata do problema da heresia.

Ao estudar essa carta, surge uma grande questão: reconstituir o que seria exatamente essa heresia que perturbava Epafras e a igreja, algo que faremos a partir das descrições de Paulo. Fato é que ela continua sendo um mistério até hoje. Muitos comentaristas têm dado o seu parecer, porém não há unanimidade entre eles sobre que tipo de heresia ou falsa religião havia entrado em Colossos. Ela é tão peculiar que acabou ganhando a alcunha de *a heresia de Colossos*, pois uma análise de suas características dá a entender que ela não havia afetado nenhum outro lugar, somente aquela cidade. Tentar reconstituir a heresia de Colossos a partir da carta de Paulo é uma tarefa extremamente difícil. Por isso, essas reconstituições não são indispensáveis, porque nem sempre se pode fazê-las com segurança. Já será um grande avanço se chegarmos a compreender parte do contexto.

Com base na própria epístola, em escritos dos pais da igreja e de outras fontes literárias não cristãs daquela época, torna-se possível inferir algumas informações com relativa certeza sobre a heresia de Colossos. Ela deve ter sido de origem judaica e começado nas sinagogas. No entanto, era sincrética, pois absorvia e incluía elementos de outras religiões. Também continha elementos cristãos, visto que falava a respeito de Cristo, da salvação e de Deus. Havia incorporado ainda elementos de crenças pagãs, especialmente das religiões de mistério — e, em particular, ideias que mais tarde dariam origem ao gnosticismo. Ao fazer isso, absorveu também o conceito grego do dualismo, que era muito comum naquela época. Num mundo fortemente influenciado pelas ideias do filósofo grego Platão, as

pessoas viam a vida separada em dois compartimentos: um deles de caráter inferior, onde ficavam as realidades materiais; e outro de caráter superior, onde ficavam as realidades espirituais.

Essa heresia seria, segundo consenso geral, um amálgama, uma religião sincrética que mesclava judaísmo, cristianismo, paganismo, filosofia grega e gnosticismo. Todavia, ninguém sabe com certeza sua real configuração. Os adeptos dessa teologia diziam que a salvação só era possível por meio de um conhecimento secreto — ou gnose —, que havia sido concedido a poucos privilegiados. Eles não negavam que os apóstolos pregaram Cristo, que ensinaram que Jesus é o Salvador. Mas diziam ter recebido um conhecimento que ia além do que os apóstolos sabiam. Em outras palavras, aqueles hereges afirmavam ter a revelação última de Deus, a verdade final e absoluta. E essa verdade, para eles, é que possibilitava a salvação. Portanto, sem o acesso a essa verdade ninguém poderia chegar à presença de Deus.

A verdade que tais indivíduos defendiam partia da ideia de que o universo é controlado por espíritos, que governam os corpos celestes. Por sua vez, os planetas controlavam o destino dos humanos na Terra. Sabemos disso porque, por duas vezes (2.8,20) Paulo menciona os "espíritos elementares do mundo", uma expressão difícil de traduzir que se refere, literalmente, aos princípios básicos e fundamentais do mundo.

Ao se estudar o gnosticismo e a literatura grega daquela época, descobriu-se que essa mesma expressão está presente na literatura pagã gnóstica como referência aos seres espirituais que controlavam o universo. Assim, os "espíritos elementares do mundo" — ou os "princípios elementares" ou os "rudimentos do mundo" — constituem no pensamento gnóstico uma hierarquia angélica que controlava os corpos celestes, os planetas, os sóis e tudo mais. Desse modo, segundo acreditavam, essas entidades conduziam o destino dos homens na Terra. Partindo dessa perspectiva, a história, a realidade dos seres

humanos, tudo ocorria sob o controle desses seres espirituais poderosos que dominavam o cosmo.

É fácil enxergar, portanto, que havia nessa heresia uma mescla de conceitos, como espíritos territoriais e astrologia, algo que fazia parte de diversas religiões de mistério. Assim, a teologia que servia de base para a heresia de Colossos começava dessa visão de realidade, segundo a qual entre Deus e os homens existe uma hierarquia angélica que domina o espaço. É interessante reparar que, na literatura gnóstica, o espaço entre Deus e os seres humanos na Terra é chamado de *pleroma*, plenitude. Esses seres celestiais formavam, então, uma espécie de escada de acesso para que os homens pudessem chegar até Deus. Com isso, tinham o poder de controlar o destino da humanidade.

Para vencer a influência e o poder dominador desses seres celestiais seria necessário prestar culto a eles. Segundo esse conhecimento secreto, era preciso entrar em uma relação com tais entidades. Para isso, misturavam-se rituais que o judaísmo já tinha consolidado — como a guarda de dias especiais, a circuncisão e a abstenção de determinadas comidas — à recusa de desfrutar de prazeres lícitos — como determinados alimentos e certas bebidas — e, provavelmente, até mesmo a rejeição do casamento, além da adoção de castigos e punições autoinfligidos. Só dessa forma seria possível atravessar o pleroma, vencer o poder dessas entidades e chegar a Deus. Devemos lembrar sempre que essa heresia provavelmente era fruto da combinação de elementos judaicos, pagãos esotéricos, místicos, platônicos e gnósticos.

Neste ponto, torna-se importante lembrar que essas informações são projetadas a partir das informações que Paulo fornece na epístola, e não em um dogma. São inferências com base no que o apóstolo escreveu, em textos de diferentes autores gregos da época e em termos que Paulo usa em Colossenses — como *plenitude*, *sabedoria*, *poderes* e *espíritos elementares do mundo*. Todos eles são jargões característicos

das religiões que ele combate na carta, mencionados propositalmente para poder explicar o verdadeiro sentido dessas expressões. Se partirmos da reconstituição da heresia de Colossos, a carta faz muito sentido. Paulo considera essa religião sincrética extremamente perigosa e foi para combatê-la que escreveu a carta aos colossenses.

Capítulo 1

A PESSOA E A OBRA DE CRISTO

Colossenses 1.1-23

O tema central da epístola aos colossenses é a suficiência de Cristo para a vida e a salvação. A perigosa heresia que ameaçava se infiltrar na igreja em Colossos precisava ser combatida. Para isso, a melhor arma de que Paulo lança mão é a proclamação da pessoa e da obra de Jesus. Como forma de desautorizar os adeptos dos gnósticos em suas afirmações e em seus falsos ensinamentos, o apóstolo tão somente afirma que Cristo é Senhor sobre tudo e que, nele, todas as coisas foram criadas.

Assim, o cerne da proclamação de Paulo reside no fato de que Jesus é o cabeça do Corpo e de que, nele, está a plenitude: ele criou todas as coisas e está acima de toda a criação.

Prefácio e saudação (1.1-8)

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus, e o irmão Timóteo, aos santos e fiéis irmãos em Cristo que se encontram em Colossos, graça e paz a vós outros, da parte de Deus, nosso Pai. Damos sempre graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vós, desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes para com todos os santos; por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, que chegou até vós; como também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e entendestes a graça de Deus na verdade; segundo fostes instruídos por Epafras, nosso amado conservo e, quanto a vós outros, fiel ministro de Cristo, o qual também nos relatou do vosso amor no Espírito.

Colossenses segue o padrão das epístolas de sua época, nas quais o autor se apresenta e profere uma bênção sobre os destinatários. No caso dos cristãos, "graça e paz" combinava duas saudações e, ao mesmo tempo, configurava uma bênção. Quando os gregos escreviam

cartas, desejavam somente “graça”. Os judeus, por sua vez, saudavam com *shalom* (traduzido em português como “paz”). Paulo combina os dois elementos, “graça” e “paz”, uma saudação que geralmente costumava usar.

Paulo chama os irmãos de “santos” e “fiéis”, porque, apesar de a igreja local estar sofrendo a influência daquela heresia descrita no capítulo anterior, ainda não havia capitulado ao ensino dos falsos mestres que a difundiam; pelo contrário, estava resistindo. Alguns poucos estavam sendo influenciados, mas, em sua maioria, os membros daquela igreja ainda estavam firmes na Palavra de Deus e no evangelho. Por isso, Paulo os cumprimenta da maneira citada.

A menção a Timóteo no primeiro capítulo indica que ele estava com Paulo na prisão. O jovem era filho na fé do apóstolo, seu assistente, embaixador e ministro. Frequentemente, atendia Paulo nas suas necessidades. Na época em que a carta foi redigida, ele estava lá, em Roma. Timóteo pode até mesmo ter sido a pessoa que escreveu a carta, pois o apóstolo costumava ditar para que alguém escrevesse.

Depois de fazer sua apresentação, dizer que estava com Timóteo e desejar graça e paz aos irmãos, Paulo diz aos crentes em Jesus de Colossos que sempre ora por eles e dá graças a Deus (1.3-8). No versículo 4, agradece ao Senhor por duas realidades. Diz que, desde que ouviu falar da fé e do amor que os colossenses tinham para com todos os santos, não cessava de dar graças a Deus por eles. Paulo não os conhecia pessoalmente, uma vez que nunca esteve na cidade — foi Epafras quem pregou o Evangelho ali e trouxe notícias da igreja até Paulo em Roma. Ao tomar conhecimento do que acontecia naquela igreja, Paulo pôs os irmãos em suas orações. O apóstolo orava não somente pelos que conhecia, mas também pelos que não conhecia. Orava por aqueles de quem tinha notícias, onde quer que o evangelho estivesse sendo pregado e a Palavra de Deus fosse anunciada. Assim, intercedia pelos colossenses.

Dois elementos da verdadeira igreja são a fé em Jesus e o amor entre os irmãos. Por isso, Paulo agradece a Deus a fé da igreja de Colossos na pessoa de Cristo e o amor que tinham por todos os santos. Na certeza dessas duas realidades, Paulo agradece a Deus.

O versículo 5 mostra que essa fé e esse amor se baseavam na esperança daquilo que estava reservado nos céus para eles. É muito importante saber disso. Quando Cristo ressuscitou dos mortos e subiu ao céu, deu à humanidade a certeza e a garantia de que um dia os salvos estarão com ele — saber isso e confiar nessa verdade faz com que cada cristão tenha fé em Jesus e amor para com os santos. É por isso que o encontro com o Senhor e o desejo de estar com ele permeia todas as exortações para uma vida terrena santa e fiel: por causa daquilo que está reservado nos céus aos que o recebem como Senhor e Salvador.

A Bíblia diz com frequência que os cristãos estão no mundo mas não são do mundo. O destino, a moradia de cada crente em Jesus já está reservada. Por isso importa que os cristãos amem uns aos outros, vivam de maneira digna, creiam no Senhor Jesus, façam o que tem de ser feito nesta vida e preguem o evangelho. Essa é a grande motivação, a esperança proposta à igreja. Naturalmente, esperança nesse contexto quer dizer certeza. É chamada de *esperança* porque ainda não se concretizou, mas é uma esperança certa — e é por isso que esse amor deve ser demonstrado para com todos.

Como exatamente os cristãos de Colossos ouviram falar dessa esperança? Paulo aproveita e faz uma exposição. Ele diz no versículo 5 que eles escutaram sobre a esperança eterna por meio da palavra da verdade, o evangelho. O tempo verbal de *ouvistes* remete ao passado. Assim, foi provavelmente antes de a heresia de Colossos chegar àquela igreja que seus membros ouviram a autêntica proclamação das boas-novas. O apóstolo diz, então, que aquilo que estavam escutando era mentira, o que poderia se perceber porque antes ouviram e foram instruídos na verdade.

No versículo 6, Paulo afirma que o evangelho chegou até os colossenses, mas também que estava frutificando e crescendo por todo o mundo. Nessa passagem ele usa uma hipérbole, um recurso de linguagem. Quando se refere a "todo o mundo", na verdade está fazendo alusão ao mundo conhecido na época. De fato, quando o apóstolo estava em Roma, as boas-novas de Cristo já estavam sendo anunciadas em todas as partes do mundo conhecido, pregadas em todos os lugares do Império Romano. Não significa que não houvesse locais em que não era pregado, mas a hipérbole apresenta a ideia de que a Palavra de Deus já tinha se espalhado por praticamente todo o império.

Assim, chegamos a este ponto do texto sabendo que Paulo estava orando por irmãos em Colossos que ele nunca conheceu nem viu e que o evangelho estava sendo difundido por todo o Império Romano. Não demoraria muito e o cristianismo seria reconhecido pelos imperadores como a religião oficial do império romano — porque estava crescendo, se espalhando por todo lugar pela graça de Deus e frutificando "desde o dia em que o ouviram e entenderam a graça de Deus em toda a sua verdade" (1.6). Aqueles cristãos ouviram o evangelho por intermédio de Epafras, creram naquela mensagem e se tornaram parte da grande multidão de milhares e milhares que no mundo inteiro ouvia as boas-novas e cria no Senhor Jesus.

No versículo 7, Paulo diz quem foi o instrumento de Deus para levar o evangelho até seus destinatários: "como aprendestes com Epafras, nosso amado conservo, fiel ministro de Cristo em nosso favor. Ele também nos contou do amor que tendes no Espírito" (1.7-8). Em linhas gerais, ele está agradecendo a Deus pelos colossenses, como se dissesse, em resumo: "Toda vez que oro a Deus, dou graças a ele por vocês, porque Epafras me contou que lhes pregou o evangelho que aprendeu de mim e que vocês creram — receberam essa palavra da verdade, que é diferente dessa mentira que estão escutando. E, como resultado de terem crido no Senhor Jesus, vocês têm amor uns pelos

outros, porque sabem da esperança que lhes está reservada. Por isso, sou grato a Deus por serem uma igreja de Cristo. E louvo ao Senhor por vocês — mesmo que nunca os tenha visto".

Oração (1.9-12)

Depois de seu prefácio e de sua saudação, Paulo ora pelos colossenses.

> *Portanto, desde o dia em que soubemos disso, nós também não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do pleno conhecimento da sua vontade, em toda sabedoria e entendimento espiritual. Assim, oramos para que possais viver de maneira digna do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus, fortalecidos com todo o vigor, segundo o poder da sua glória, para que, com alegria, tenhais toda perseverança e paciência, dando graças ao Pai que vos capacitou a participar da herança dos santos na luz.*

Essa passagem nos mostra que, entre aquilo que Paulo pede ao Senhor em favor de seus destinatários, está:

Conhecimento da vontade de Deus (1.9)

Primeiro, o apóstolo roga ao Senhor que eles sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus (1.9-12). No original grego, a palavra *conhecimento* faz parte do grupo de termos que mencionamos anteriormente como integrantes do vocabulário das religiões gregas. Assim, ele usa um jargão bem compreensível para as pessoas daquela época e daquele local, que significava *conhecimento*, *gnose*, *sabedoria, acesso a informações privilegiadas*.

Paulo diz, em paráfrase, que deseja que os colossenses transbordem, sim, do pleno "conhecimento", justamente como os falsos mestres defendem, mas ele deseja que transbordem especificamente do conhecimento da vontade de Deus — e não das heresias e dos falsos ensinos que estavam sendo propagados. Portanto, pede a Deus que dê a cada cristão de Colossos o entendimento correto, para que não sejam iludidos por aquelas pessoas.

Vida digna do Senhor (1.10)

Em segundo lugar, Paulo ressalta que ora para que os colossenses vivam de maneira digna do Senhor (1.10a). Uma vez que alguém detém o verdadeiro conhecimento, isso necessariamente tem de se traduzir na prática. Ele defende que, por ter o pleno conhecimento de Deus, a consequência deve ser viver de maneira digna dele. Nessa oração está embutida a ideia de que o indivíduo é aquilo em que acredita, pois sua prática sempre será controlada por sua crença. Aquilo que uma pessoa professa e pensa controla suas atitudes, suas ações, suas escolhas e seus posicionamentos.

Paulo ora, assim, para que eles tenham o pleno conhecimento de Deus com o intuito de viver de forma digna do Senhor, por causa da ética dos gnósticos. Tal ética podia seguir em duas direções: havia os gnósticos que adotavam o ascetismo e a negação plena da materialidade do corpo e havia aqueles que desconsideravam o corpo e se entregavam aos prazeres — devido ao argumento de que, uma vez que o corpo é inferior, Deus não se preocuparia com ele.

Esses dois tipos de ética eram encontrados no pensamento gnóstico, mas nem uma coisa nem outra levaria a uma vida digna de Deus. Aquelas atitudes não fariam ninguém observar o comportamento de seus praticantes e dizer que, de fato, Deus é real e o evangelho é verdadeiro.

Crescimento em santidade (1.10b)

A terceira petição de Paulo é para que os colossenses frutifiquem em boas obras (1.10b), ou seja, produzam frutos, abençoem as pessoas e façam aquilo que agrada a Deus.

Enquanto os gnósticos ensinavam um conhecimento adquirido quase que instantaneamente, por meio de uma suposta iluminação, o apóstolo explica que esse pleno conhecimento de Deus é algo que exige crescimento. É por isso que na Bíblia e também na teologia cristã se ensina que a santificação é progressiva. A perfeição espiritual e moral

aqui neste mundo é um conceito inexistente no cristianismo histórico. Não se pode afirmar, com base nas Escrituras, que vai chegar um momento na vida terrena em que o indivíduo alcançará a perfeição ou o pleno conhecimento de Deus.

O crescimento no conhecimento do Senhor tem como consequência o crescimento também em santidade — pois os dois fenômenos são inter-relacionados. Quanto mais se conhece Deus, mais dignamente se vive com relação a ele e mais se frutifica em boas obras.

Embora haja no cristão um crescer constante do conhecimento de Deus, ele nunca chegará ao ponto que os gnósticos ensinavam, de perfeição plena neste mundo. Essa esperança está reservada para o mundo ainda por vir, para cada crente em Jesus. Aqui na terra, a igreja caminha de forma imperfeita em direção à eternidade, crescendo e aprendendo sempre. Todo ensinamento que propõe um ponto ideal neste mundo não condiz com o que a Palavra de Deus de fato ensina.

Fortalecimento espiritual (1.11-12)

Paulo pede ainda que os crentes em Jesus sejam "fortalecidos com todo vigor, segundo o poder da sua glória" (1.11), para que perseverem na verdade do evangelho e sejam pacientes em meio a toda provação e tentação. Paulo certamente tem em mente os desafios que aquela seita representa. Sua oração contempla o desejo de que os colossenses vivam em atitude de gratidão para com Deus, "que vos capacitou a participar da herança dos santos na luz".

O contraste entre luz e trevas é mais um elemento que se encontra no âmbito dos conceitos do gnosticismo, das religiões de mistério e até do pensamento dos essênios e do judaísmo do período intertestamentário. Aqui Paulo lança mão dos jargões conhecidos para recomendar aos irmãos de Colossos que sejam gratos a Deus porque os fez idôneos, dignos de participar da herança de Deus na luz.

Luz, nesse contexto, é uma palavra que se aplica metaforicamente a tudo o que é de Deus: verdade; santidade; graça de Deus; amor de Deus; o que é certo, correto e verdadeiro — em claro contraste com o que eles eram antes. Assim, Paulo ora para que sejam gratos, pois o Senhor já havia cumprido para com eles a promessa que aquela seita fazia: ele já os havia tornado dignos de receber a herança dos santos na luz.

Em resumo, a heresia de Colossos prometia algo que Paulo afirma já ter sido recebido pelos cristãos da parte de Deus: o fato de serem feitos idôneos para participar da herança dos santos. A herança dos santos é o mundo que Deus prometeu dar à igreja: novos céus e nova terra, onde habitará a justiça. Os cristãos têm parte em um novo universo criado por Deus. Todas as coisas lhes pertencem, o Senhor é quem os faz dignos desse presente — nada foi conquistado seguindo regras, com ascetismo, com autopunição ou segundo regulamentos, mas foi concedido graciosamente por Deus. Pela graça, é ele quem torna idôneos os indivíduos que participarão de tudo isso.

Neste ponto surge o confronto entre a religião da graça, o evangelho que Paulo pregava, e a religião das obras, que era a heresia de Colossos. Esse é um confronto milenar e recorrente. Só há, na verdade, dois tipos de religião no mundo: a da graça é o cristianismo, que mostra Deus vindo dos céus à Terra para nos salvar; e a das obras, do legalismo, que são todas as outras religiões. Embora diferentes entre si, todas essas outras religiões têm esse aspecto em comum. Todas apresentam um sistema em que o homem é quem parte ao encontro de Deus. Então, em última análise, mesmo diante da pluralidade de religiões é possível ver que existem apenas dois sistemas religiosos no planeta: o da graça e o do legalismo — sendo este último um sistema em que o homem tem de fazer algo para merecer o favor divino. É esse confronto que se faz presente na epístola aos colossenses: o evangelho de Cristo contra a heresia de Colossos.

* * *

Paulo ouviu de Epafras a situação da igreja em Colossos, em especial os problemas que estava enfrentado. Por isso, ele escreve uma carta, a qual começa agradecendo a Deus porque os colossenses estão firmes: ouviram o evangelho, têm fé no Senhor Jesus, amor para com todos os santos e consciência da esperança.

O apóstolo, então, ora pelos irmãos e diz que não cessa de interceder pelo fortalecimento deles, para que tenham o pleno conhecimento de Deus e andem de maneira digna do Senhor. Eles não precisam de mais nada: já receberam tudo em Cristo e seria tolice dar ouvidos a falsos ensinamentos.

Apresentação da pessoa de Jesus (1.13-16)

> *Ele nos tirou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, isto é, o perdão dos pecados. Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam poderes; tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste; ele também é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha o primeiro lugar. Porque foi da vontade de Deus que nele habitasse toda a plenitude e, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão no céu* (1.13-20).

Na terceira parte da epístola aos colossenses Paulo parte para o confronto. Já vimos que ele inicialmente ora pelos irmãos, mas não se contenta em ficar apenas na oração. Isso serve de exemplo para que os cristãos de todos os tempos saibam que a oração deve vir sempre acompanhada de ação. Não adianta só orar por um irmão que está sendo assediado por uma seita ou um falso ensino; é preciso orar por ele e ajudá-lo com orientações e esclarecimentos. É o que o apóstolo faz nessa carta.

Ele afirma a seus destinatários que não cessa de orar por eles, mas que, além disso, precisa confrontá-los. Paulo começa, então, a tratar

da questão da heresia. Primeiro, positivamente. Como grande apologista que era, o apóstolo mostra que, muitas vezes, a melhor maneira de combater um erro ou de confrontar falsos mestres não é apontar as falácias da falsa doutrina, mas ensinar a verdade. Isso porque, uma vez que a verdade é transmitida com clareza, o erro vem à tona com todas as suas cores.

Ouvi dizer que os caixas de alguns bancos são treinados para que reconheçam uma nota falsa aprendendo a reconhecer as verdadeiras. Uma vez que tenham os contornos e os detalhes da nota verdadeira em mente, na hora em que aparecer uma falsa, identificarão a falsificação com relativa facilidade.

É isso que Paulo faz. Ele exalta Cristo, diz quem Jesus é e o que fez. Uma vez que isso fica claro, a falácia da heresia de Colossos torna-se evidente. Veja o que o apóstolo afirma aqui a respeito da pessoa de Cristo, a partir do versículo 13. Essa é uma das seções mais belas da Bíblia e talvez seja aquela em que Cristo e sua obra são exaltados com mais clareza.

Nesse trecho que fala sobre Jesus e sua realização, Paulo começa dizendo o que Deus fez: "Ele nos tirou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, isto é, o perdão dos pecados" (1.13,14). Foi isso o que o Senhor fez pelos pecadores.

A Bíblia diz que o mundo inteiro jaz no maligno. Estávamos debaixo do domínio das trevas, do poder e do controle dessas entidades — aquelas que a heresia de Colossos chamava de seres angelicais, mas Paulo interpreta como Satanás e seus anjos. São poderes malignos perversos que estão no mundo e são bem reais. Estão ao nosso redor e são nossos adversários, inimigos e acusadores. Eles querem nos destruir, nos enganar, querem nos afastar de Deus. São mentirosos, impiedosos, implacáveis, pervertidos e cruéis — não há nada bom neles.

Esses poderes dominam nosso planeta. É o que Paulo chama de *domínio das trevas*, pois é isso o que o mundo sem Deus é. A Bíblia diz que Satanás cegou o entendimento dos incrédulos para que não resplandeça a luz do evangelho. Jesus se referiu ao diabo como o "príncipe deste mundo". Já Paulo diz em Efésios (2.3) que Satanás, o príncipe da potestade do ar, opera nos filhos da desobediência. É um engano se esquecer disso. Em nossos dias há muito exagero com relação a questões malignas e diabólicas, mas os excessos de pessoas que veem o diabo em tudo não deveriam levar os cristãos ao outro extremo, o de se esquecerem que esses poderes são reais.

Diante dessa realidade, o que Deus fez? Ele nos libertou. Essa palavra, "libertou", é essencial, porque precisamos de libertação desses poderes para chegar até Deus. É a isso que os falsos mestres estavam se referindo. Interessante que Paulo não discorda desse fato, mas diz que Deus já fez isso em Cristo Jesus. Ele nos libertou do domínio das trevas e nos transportou para o "reino do Filho do seu amor".

Cristo aqui é chamado de Filho amado de Deus porque é nele que o Pai expressa todo seu amor. Muitos pensam que Deus criou o ser humano porque precisava de alguém a quem pudesse expressar o seu amor. Nada pode ser mais falso. O Criador é completo e perfeito. As Três Pessoas da Trindade subsistem em amor mútuo, expressando e recebendo reciprocamente esse amor perfeito. No caso específico de Cristo, que é o que Paulo tem em mente, nosso autor se refere a ele como sendo o Filho de seu amor, aquele em quem Deus, de maneira mais clara e explícita, manifestou seu amor. Portanto, o Senhor não precisa de nada fora de si. Ele nos criou porque quis, e não porque tivesse qualquer necessidade. A Bíblia não fala de um Deus incompleto que precisava da criação para poder se completar e se expressar; ela fala de um Criador perfeito e pleno, que fez o mundo porque quis. Como queria realizar seu plano e fazer toda a sua vontade, ele consultou a si mesmo — não consultou nem mesmo os

anjos. Em sua infinita sabedoria, que nós não compreendemos, fez o mundo e tudo que nele há.

No versículo 14, Paulo diz que nesse Filho amado do Pai nós temos a redenção, a remissão dos nossos pecados. Isso porque esse transporte do domínio das trevas para o reino de Cristo só poderia ser feito mediante a remissão de pecados, pois são os nossos pecados que nos tornam cativos. Somos pecadores e estamos debaixo dos poderes malignos, do reino das trevas. Todavia, uma vez que Cristo nos redime, podemos ser transportados do domínio das trevas para o reino da luz, o reino de Cristo, o reino do amor de Deus. Mas isso somente ocorre mediante o sangue da sua cruz. É isso que o Senhor fez por nós. Ele nos libertou do domínio das trevas e nos transportou para o reino de Cristo, mediante o perdão dos pecados e a redenção.

No versículo 15, Paulo explica quem é realmente Jesus, o Filho amado de Deus. Paulo o chama de *imagem do Deus invisível*. A palavra *imagem* em português não traduz corretamente a palavra grega *eikon*. Para a civilização ocidental da qual fazemos parte, *imagem* sempre se refere a algo imperfeito, uma cópia da realidade. Mas, embora o termo grego às vezes se refira à imagem refletida no espelho, em alguns contextos é usado para indicar uma réplica perfeita. Creio ser nesse sentido que Paulo emprega o termo aqui. Ao dizer nessa passagem que Cristo é a imagem do Deus invisível, o apóstolo está dizendo que Jesus é a manifestação perfeita do Pai. Deus se revela perfeitamente em Cristo. Não vemos o Senhor, mas ele se revelou plenamente na pessoa de Jesus. Aqui Paulo fala da plena divindade do Filho. O Senhor se manifestou entre os homens mediante a encarnação do Verbo — a imagem do Deus invisível — que veio ao mundo e andou entre nós. É possível ver o Pai em Jesus: ele é a revelação final e perfeita de Deus.

Ele é também o "primogênito sobre toda a criação" (1.15). Não significa que ele foi o primeiro ser criado — como as testemunhas de Jeová concluem a partir deste texto — mas que ele é o Senhor sobre a

criação. Na época de Paulo, o primogênito era aquele que tinha direito a tudo, herdava todas as coisas e dominava sobre tudo. É nesse sentido que Jesus é o "primogênito sobre toda criação". Paulo explica a divindade de Cristo e seu senhorio sobre todas as coisas: ele é o primogênito de toda a criação porque nele "foram criadas todas as coisas" (1.16). Tudo foi criado em Cristo, por meio de Cristo e para Cristo.

É importante reparar que, no versículo 16, ao falar da criação, o apóstolo diz: "as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades". Ele está se referindo a um encadeamento de autoridade angelical. É possível que Paulo esteja refletindo a hierarquia angelical defendida pelos falsos mestres. Eles diziam que o mundo era governado por seres angelicais que se organizavam hierarquicamente sob o governo de Deus e faziam a ponte entre o Senhor e os homens. Talvez os tronos fossem os mais altos nesta ordem, seguidos pelas dominações, os principados e, por fim, as potestades. Não se pode afirmar isso com toda certeza, mas há uma boa probabilidade de que essa seja a explicação para Paulo usar todos esses termos juntos.

Aqui Paulo quer ensinar que esses seres foram criados por Cristo, por meio de Cristo e para Cristo. Esse fato leva à consciência de que não se deve adorá-los, temê-los ou se preocupar com eles, pois se o cristão está em comunhão com aquele que é Senhor de todas as coisas, não há razão para ter receio deles. O apóstolo não nega a existência desses seres, perversos, malignos e caídos. Deus não os criou assim, os criou perfeitos, mas eles decaíram do estado original em que foram criados. Jesus, como primogênito de toda a criação e aquele por meio de quem e para quem tudo foi criado, é superior, está acima de todos eles. Fica evidente que a heresia que ensinava a mediação dos anjos e o culto a eles depreciava a pessoa de Cristo. Uma vez entendido que Jesus é o Senhor de todas as coisas, desaparece qualquer interesse por

uma espiritualidade direcionada a adorar seres criados, mediadores inventados pela mente humana.

Paulo menciona em seguida seis consequências de Cristo ser o primogênito de toda a criação e de nele todas as coisas terem sido criadas (1.17-20):

Ele é antes de todas as coisas (1.17)

Aqui, o apóstolo deixa clara a distinção entre Jesus Cristo e as coisas criadas. Estas vieram a existir num determinado momento, no tempo e no espaço. O Senhor existe desde sempre. O objetivo de Paulo, portanto, é não somente realçar a transcendência de Jesus Cristo sobre toda a criação, mas também enfatizar a sua divindade, conceito que ele expande em seguida. Encontramos esse mesmo conceito no primeiro capítulo do Evangelho de João, em que está escrito: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito existiria" (Jo 1.1-3).

Nele tudo subsiste (1.17b)

Jesus não somente criou todas as coisas, mas as sustenta. Tudo subsiste em Cristo. Ele está presente na sua criação. O fato de ele ter ressuscitado com corpo físico não significa que está limitado a um único lugar, pois seu corpo é glorioso e diferente do nosso — portanto, isso não afeta sua onipresença. Cristo está presente em todo lugar, tudo subsiste nele, tudo aponta para ele e depende dele. Essas declarações a respeito da divindade de Cristo só podem ser encontradas na carta aos Colossenses. Há sugestões acerca dessa realidade em outras cartas de Paulo e outros autores, mas neste livro existem mais afirmações sobre isso do que em qualquer outro lugar.

Ele é o cabeça do corpo da igreja (1.18)

Ele não é somente o primogênito da criação, existente antes de todas

as coisas, mas também é o cabeça da igreja, o povo de Deus. Ele é seu líder, aquele que lhe dá a direção, o seu Senhor. A metáfora da "cabeça" visa transmitir não somente a ideia de preeminência e comando, mas também de provisão e sustento. É de Cristo que vêm a força e o poder necessários para que seu corpo, a igreja, viva neste mundo em trevas, que está debaixo do poder daqueles seres espirituais tenebrosos. A metáfora também destaca a união que existe entre o Cristo exaltado, Senhor de tudo e de todos, e seu povo, a igreja. Essa relação vital tem sido chamada pelos teólogos de "união mística" pelo seu caráter espiritual.

Ele é o princípio de todas as coisas (1.18)

O "princípio" aqui não se refere necessariamente ao princípio ou começo do mundo, como à primeira vista se pode inferir. O contexto sugere que Paulo tem em mente o começo da ressurreição final dos mortos, que ele menciona logo em seguida. A palavra "princípio" no grego também pode significar origem. Neste caso, indicaria Jesus como a origem da nova criação, da nova raça que Deus cria mediante a ressurreição inicial de Cristo seguida da ressurreição dos crentes, quando o Senhor regressar em glória. O sentido aqui é que Jesus Cristo tem prioridade e preeminência em tempo e poder sobre todas as coisas criadas e especialmente sobre a nova criação.

Ele é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha o primeiro lugar (1.18b)

Paulo chama Jesus de "primogênito dentre os mortos" porque ele foi o primeiro a ter ressuscitado. Não significa que não houve ressurreição antes da de Cristo. O Antigo Testamento relata ressurreições que ocorreram por intermédio dos profetas. Deus usou Eliseu, por exemplo, para ressuscitar o filho de uma viúva. Todavia, todas as pessoas que ressuscitaram antes de Jesus morreram outra vez. A ressurreição de Cristo é diferente, pois ele volta da morte com o corpo glorioso, imortal e incorruptível. Se, pela graça de Deus, em nossos

dias, houver o milagre da ressurreição de alguém, ela será diferente da de Jesus, pois o indivíduo morrerá novamente. A ressurreição de Cristo é a primeira e, até agora, a única ressurreição desse tipo: uma ressurreição com um corpo imortal, indestrutível, eterno, glorioso e espiritual, um corpo com o qual os salvos viverão nos novos céus e na nova terra. Nesse sentido, ele é o nosso irmão mais velho, aquele que veio primeiro, o "primogênito" da nova raça que ele inaugurou com sua própria ressurreição.

Assim, ele já ressuscitou, ele é o primeiro — o que significa que outros virão. Ainda há uma ressurreição aguardando os cristãos, que será por ocasião da segunda vinda de Cristo. Quando ele vier, só então esse tipo de ressurreição acontecerá. Os mortos ressuscitarão com os corpos semelhantes ao de Cristo, não mais poderão morrer. E assim, com os corpos incorruptíveis e perfeitos, os santos viverão com o Senhor nos novos céus e na nova terra, onde haverá justiça por toda a eternidade.

Toda a plenitude em Cristo (1.19-20)

No versículo 19, Paulo explica por que Cristo passou por toda essa realidade descrita nos versículos 17 e 18: *foi da vontade de Deus que nele habitasse toda a plenitude*. Aqui há novamente uma palavra usada pelos gnósticos, *plenitude*, do grego *pleroma* — o espaço que acreditavam ser habitado pelos seres angélicos. O que Paulo diz nesta passagem é que a plenitude está em Cristo e só nele. Aprouve a Deus que a plenitude do conhecimento, da verdade, do amor, da luz, da graça e da santidade habitasse em Cristo. Ou seja, somente na pessoa do Filho, o indivíduo está aperfeiçoado e completo, sem precisar de mais nada e ninguém. Com Cristo, não há necessidade dos ensinamentos apócrifos, da mediação dos poderes espirituais: não é preciso qualquer outra coisa que seja, exceto Jesus.

Não somente foi da vontade de Deus que no Filho habitasse toda a plenitude, mas também foi da sua vontade que, por meio dele, todas

as coisas fossem reconciliadas (1.19-20): “Porque foi da vontade de Deus que nele habitasse toda a plenitude e, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão no céu”.

Uma afirmação como essa, que menciona o derramamento de sangue humano como base da reconciliação com Deus, desagradava profundamente os gnósticos, pois eles não valorizavam o corpo. Segundo o pensamento gnóstico, imerso no dualismo platônico, tudo que é material é inferior, indigno de Deus. Mas, nessa passagem, Paulo diz que Deus fez a paz e a reconciliação pelo sangue da cruz. Isto é, o sangue do Cordeiro, um elemento material, é a base pela qual Deus reconcilia consigo toda a criação manchada pelo pecado.

Embora Paulo não mencione a Queda, aquela desobediência inicial de Adão e Eva que acarretou condenação e corrupção à toda a raça humana, ela está implícita. Ele mencionou a criação ao dizer que tudo foi criado por Cristo, por meio dele e para ele. Logo em seguida, diz que Deus reconciliou essa criação por meio do sangue de Cristo. Deus criou, mas, posteriormente, teve que dar continuidade à obra. Algo aconteceu entre a criação e a reconciliação: a Queda — a entrada do pecado no mundo e a chegada do domínio das trevas. Portanto, a perdição da raça humana, o afastamento de Deus, a rebelião contra o Criador e a submissão aos poderes das trevas tornaram necessário que o Senhor se reconciliasse com a sua criação. E como ele fez isso? Por meio daquele que carrega em si a imagem de Deus, o primogênito dentre os mortos, o Senhor de toda a criação, o princípio e o fim, cujo sangue foi derramado na cruz. Ele é potente e poderoso para reconciliar com Deus todas as coisas.

Aplicação pessoal de Paulo (1.21-23)

A vós também, que no passado éreis estrangeiros e inimigos no entendimento por causa das vossas obras más, agora ele vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, a fim de vos apresentar santos, inculpáveis e irrepreensíveis diante dele, se é que permaneceis na fé,

fundamentados e firmes, sem vos afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, do qual eu, Paulo, me tornei ministro.

Paulo termina o primeiro capítulo da epístola aos colossenses fazendo uma aplicação pessoal: "A vós também, que no passado éreis estrangeiros e inimigos no entendimento por causa das vossas obras más, agora ele vos reconciliou no corpo da sua carne." (1.21,22a).

Entre aqueles que Cristo reconciliou no corpo da sua carne também estavam os gentios colossenses, habitantes de uma cidadezinha, uma entre tantas do Império Romano. Com essa afirmação, Paulo provavelmente está combatendo a ideia gnóstica de que a salvação era apenas para poucos privilegiados. Não: a salvação era estendida para pessoas como os colossenses — habitantes desconhecidos de uma cidade de pouca importância.

Com essa declaração, o apóstolo está deixando implícito aos colossenses que eles antes viviam debaixo do domínio das trevas, nos seus pecados e nas suas obras malignas, perversas e pecaminosas, que os afastavam de Deus. Mas Deus, mediante Jesus, os reconciliou. E assim o fez com o propósito de que se apresentassem "santos, inculpáveis e irrepreensíveis diante dele" (1.22).

Em resposta ao que os falsos mestres diziam — que havia um caminho de santidade e perfeição, novo e secreto — Paulo afirma que tudo aquilo já havia sido cumprido em Cristo. O apóstolo garante com isso que Jesus os apresentaria diante do Pai por seu sangue — inculpáveis, santos e irrepreensíveis — desde que permanecessem na fé, alicerçados e firmes, não se deixando afastar da esperança proposta no evangelho. Ou seja, Paulo faz uma advertência severa aos cristãos colossenses de que deveriam permanecer fiéis ao evangelho que ouviram de Epafras.

É importante ressaltar que o apóstolo não está inferindo que alguém que foi verdadeiramente salvo, regenerado e justificado pela fé em Cristo possa vir a perder a salvação. O que ele está dizendo é que se alguém que se professa cristão vier a abandonar a Cristo, essa

pessoa será condenada por Deus por causa de seus próprios pecados. A sua apostasia revelará, na verdade, que ela de fato nunca foi salva, nunca teve a fé salvadora. O alvo de declarações como essas de Paulo, aqui e em outras cartas suas, é despertar os verdadeiros cristãos a perseverarem no evangelho. Pois, se a pessoa for um cristão autêntico, ao ouvir declarações como essa, se apegará mais a Jesus. Um verdadeiro crente em Jesus não perde a salvação, pois é um dom de Deus. Paulo vem afirmando essa verdade em toda a epístola até esse ponto. É o Senhor quem mandou seu Filho, quem salva, quem torna seus filhos idôneos e quem os capacita. Logo, é ele quem reconcilia o pecador. A salvação pertence a Deus do começo ao fim. Ele não faz nada pela metade; se começar sua boa obra, ele a terminará. No entanto, a Bíblia está cheia de advertências para aqueles que professam ser cristãos e não são. As Escrituras afirmam que uma pessoa é salva se permanecer na fé; se não permanecer, é sinal de que nunca, de fato, acreditou.

Assim, Paulo está dizendo aos colossenses que Jesus derramou seu sangue na cruz para reconciliá-los com o Pai e que eles fazem parte do Filho amado de Deus se permanecerem firmes na fé, sem se deixar levar pelos falsos ensinamentos. Essas palavras do apóstolo são uma advertência para que os crentes de Colossos não se deixem iludir pela heresia que se infiltrou na igreja. Se seguirem os ensinamentos falsos, é prova de que nunca foram de Deus. Percebemos aqui que para o apóstolo a teologia gnóstica não era uma teologia alternativa possível e aceitável, uma interpretação diferente, porém válida, da pessoa e da obra de Cristo. Para ele, havia teologia certa e teologia errada.

Aos que o acusavam de pensar que só ele detinha o conhecimento da verdade, Paulo tinha uma resposta incisiva: o pensamento gnóstico era mentira e todos os que o seguissem iriam para o inferno. Assim, não havia meias-palavras para afirmar que, se um indivíduo se afastasse da mensagem que o apóstolo pregara, estaria perdido e seria condenado pelos seus pecados, pois aquela filosofia era mentira, erro e

engano — uma heresia. A verdade se resumia ao evangelho que havia proclamado. Paulo com certeza teria muitos problemas se vivesse no século XXI. Seria chamado de radical, xiita, fundamentalista e outros adjetivos com tom pejorativo.

Mas a Bíblia é muito clara. Ela não permite outra interpretação de Cristo senão aquela que os apóstolos levaram adiante. Essa é a verdade e somos salvos se permanecermos nela. Do contrário, estamos perdidos.

Conclusão e aplicação de Colossenses 1.1-23

A maior lição a ser aprendida com o primeiro capítulo da epístola aos Colossenses é que a proclamação da pessoa e da obra de Cristo é o remédio contra os falsos ensinos. É o que Paulo faz. A salvação e a libertação dos poderes angélicos deste mundo estão em Cristo. Em resposta aos gnósticos, que afirmavam a necessidade de se livrar da influência das hierarquias celestiais que dominavam os corpos celestes e os destinos da humanidade, Paulo simplesmente afirma que Cristo é Senhor sobre eles; em Cristo, todas as coisas foram criadas. Ele é o cabeça do Corpo, o primogênito e tem a primazia sobre todas as coisas, pois nele está a plenitude. Jesus criou todas as coisas e está acima de toda a criação.

A leitura dessa carta nos ensina também que a salvação não é uma verdade esotérica, hermética, destinada a uns poucos, mas uma realidade anunciada universalmente. Paulo diz que o evangelho tinha sido pregado "em todo o mundo" e estava se alastrando. Essa afirmação trazia em si uma diferenciação enorme do ensino das seitas daquela época, das religiões de mistério que ensinavam uma verdade salvadora secreta destinada apenas para poucos iluminados. Pelo contrário: Deus se revela em Cristo a todos. O Filho é a imagem do Pai invisível. O Senhor se fez carne, visível e palpável, veio ao mundo e quer que o mundo inteiro o ouça e o veja.

Além disso, o apóstolo constantemente declara que o conhecimento da salvação é obtido pela pregação da Palavra. Ele afirma que o evangelho pertence a Deus e que o Senhor usa o homem para anunciar essa verdade através da pregação, exposição e instrução. É dessa forma que o Senhor cumpre o seu plano. Quando a vontade e a revelação de Deus, que estão na sua Palavra, são anunciadas, as pessoas são chamadas para conhecerem a Cristo. Pois nele, e somente nele, se encontra plena salvação.

Em nossos dias, existem tendências muito parecidas com as dos dias de Paulo. Podemos aprender a lidar com elas estudando e compreendendo Colossenses. Uma dessas tendências é o liberalismo, que tem se infiltrado na igreja hoje. São pessoas que se dizem cristãs, mas negam a plena divindade de Cristo. Para elas, Jesus foi apenas um bom homem, o melhor de todos. Jesus era Deus somente no sentido de que tinha profunda consciência do ser de Deus, confiava em Deus e falava com ele, mas não porque fosse um com o Pai, porque compartilhasse da mesma essência. Os liberais negam a divindade de Cristo e enfatizam apenas a sua humanidade. A leitura desta epístola mostra que esse pensamento não é novidade. Os liberais são herdeiros dos gnósticos: estão dentro de uma tradição antiga.

Atualmente, é possível encontrar professores de teologia em seminários e universidades que ensinam que Jesus não era Deus, assim como pastores que o fazem no púlpito. Colossenses é um bom remédio para quem deseja confrontar professores e pastores adeptos do liberalismo teológico e que negam a plena divindade de Jesus.

Outra tendência atual que pode ser confrontada com os ensinos de Paulo aqui nesta carta é a invasão do paganismo nas igrejas. Com ele vêm ideias místicas, uma espiritualidade pragmática, relacionada com uma série de atitudes e práticas que não condiz com o evangelho. Para Paulo, tudo se resume à pessoa de Cristo. Até algumas décadas atrás, os cristãos confrontavam seitas tradicionais, como o mormonismo, o adventismo e as testemunhas de Jeová. Mas, hoje, as seitas

neopentecostais possuem um linguajar evangélico, usam uma Bíblia evangélica e fazem um culto nos moldes dos encontros evangélicos. No entanto, propagam outro evangelho — que não exalta a pessoa de Cristo, não fala da sua plenitude, nem da sua obra de redenção ou da sua primazia. Tudo para elas gira em torno de bênçãos materiais. E, para isso, lançam mão de práticas absurdas. Já não podem mais ser chamadas de evangélicas, pois se afastaram dessa definição há muito tempo. A carta aos colossenses também é um bom remédio para esse tipo de prática pseudocristã.

Por fim, precisamos analisar em que cremos. Quem é Jesus para nós? Cremos de todo o coração no que o apóstolo Paulo diz aqui acerca de Cristo? Cremos que Jesus é a imagem do Deus invisível? Que nele reside toda a plenitude? Que por meio do seu sangue o Pai reconciliou consigo todas as coisas? Que o que Jesus fez é suficiente? E mais: Cristo é o centro da sua vida? Ele é o Senhor da sua história? Você o adora, o ama e crê nele? Deseja servi-lo e viver para sua glória? Onde o Senhor Jesus está na sua vida? As respostas a essas perguntas darão uma boa percepção acerca de como anda sua espiritualidade e sua vida com Deus.

CAPÍTULO 2

A PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO E O COMBATE ÀS HERESIAS

Colossenses 1.24—2.23

Paulo prossegue em sua explanação aos colossenses enveredando por argumentos mais teóricos. Ao abordar a excelência de Cristo, ataca a heresia de Colossos, afirmando que as ideias de seus proponentes acerca do que seria a verdadeira sabedoria eram equivocadas. Ele deixa claro: Jesus é a sabedoria do cristão. Por isso, gnosticismo, legalismo, misticismo e ascetismo não têm nenhum efeito para solucionar o problema da corrupção do coração humano. Jesus basta e nele está tudo de que necessitam os homens pecadores.

O apóstolo deixa claro que em Jesus reside plenamente a divindade. Vitorioso sobre a morte, levou a Lei sobre a cruz, derrotou principados e potestades e deixou claro que os cristãos não têm o que temer — Cristo está acima dos demônios e triunfou sobre eles no Calvário.

O ministério de Paulo (1.24-29)

Agora me alegro nos meus sofrimentos por vós e completo no meu corpo o que resta do sofrimento de Cristo, por amor do seu corpo, que é a igreja, da qual me tornei ministro segundo o chamado de Deus, que me foi concedido para convosco, a fim de tornar plenamente conhecida a palavra de Deus, o mistério que esteve oculto durante séculos e gerações, mas que agora foi manifesto aos seus santos, a quem Deus, entre os gentios, quis dar a conhecer as riquezas da glória deste mistério, a saber, Cristo em vós, a esperança da glória. A ele anunciamos, aconselhando e ensinando todo homem com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo. Para isso eu trabalho, lutando de acordo com a sua eficácia, que atua poderosamente em mim.

A partir do versículo 24 do primeiro capítulo, Paulo explica sua condição de ministro de Cristo e discorre sobre seu ministério, com foco em Jesus — que é o centro de sua pregação. Depois de falar sobre seu chamado, o apóstolo afirma que se regozija nos seus sofrimentos pelos colossenses. Embora não tenha fundado pessoalmente a igreja de Colossos, ele se considera seu pai espiritual e, portanto, responsável por ela. Por isso, entende que os sofrimentos pelos quais estava passando na prisão eram também em prol deles. Mas não reclama. Pelo contrário, se alegra em padecer por seus irmãos, pois sabe que sofrer pela causa de Cristo é glória, galardão e privilégio.

Paulo inclui os cristãos de Colossos nos seus sofrimentos porque ele estava preso por pregar o evangelho aos gentios, o que tinha provocado a ira dos judeus. A maioria dos judeus não aceitava a inclusão dos gentios em qualquer plano de salvação. Demonstravam grande rejeição por quem não compartilhasse da sua fé. Por isso, quando o apóstolo proclamou que a salvação de Deus, a esperança de Israel, também é para os gentios, ele tornou-se alvo certo de perseguição. Os colossenses eram gentios, portanto Paulo considerou seu sofrimento como sendo por eles também.

Paulo diz que sua prisão acontecera para completar o que restava das aflições de Cristo, como se o sofrimento de Jesus continuasse no sofrimento dos apóstolos que levavam a mensagem da cruz aos gentios. Essa perspectiva precisa ser analisada com cuidado, pois ele não está dizendo que suas aflições são redentoras ou salvadoras como as de Cristo. O que ele quer dizer é que aquilo que Jesus começou na cruz continua por meio da pregação e da exposição dessa verdade. Se o Mestre tivesse morrido e ressuscitado sem que alguém tivesse anunciado, interpretado, explicado e proclamado ao mundo os seus atos, tudo se limitaria àquele dia em que ele morreu e à manhã em que ressuscitou. Mas a proclamação apostólica faz parte do processo que leva o pecador à redenção. É por isso que Paulo diz que o

sofrimento dele na prisão completava o que restava das aflições de Cristo.

É possível extrair desse fato uma lição muito importante sobre a exclusividade dos apóstolos. Eles foram um grupo de pessoas muito especiais que Deus levantou em determinado momento da história da redenção e a quem o Senhor revelou a sua vontade. Foram homens a quem Deus usou para proclamar o evangelho, lançar as bases da igreja e escrever o Novo Testamento. Nesse sentido, não há mais apóstolos hoje, porque nenhum "apóstolo" moderno poderia dizer que está completando as aflições de Cristo. Os apóstolos de Cristo compunham, portanto, um grupo único, definitivo e fechado. Uma vez que cumpriram sua missão, não há mais apóstolos dessa natureza em nossos dias, como os doze e como Paulo.

Se a palavra *apóstolo* for tomada no seu sentido mais literal, ou seja, *enviado*, é possível considerar como apóstolos os missionários que são enviados para implantar novas igrejas em lugares inóspitos. No entanto, não é nesse sentido que os modernos "apóstolos" empregam o termo em relação a si mesmos, mas se arrogam qualificações e autoridade similares às de Paulo e dos Doze.

Ser apóstolo de Cristo, todavia, era uma vocação específica, com um propósito especifico, numa época específica. Portanto, quando pessoas em nossos dias se dizem apóstolos e defendem ter a mesma autoridade de Paulo, Pedro, João e Tiago, isso configura uma distorção dos ofícios bíblicos. É voltar às práticas e tradições da Igreja Católica Apostólica Romana, pois quem faz essa reivindicação é o Papa, que se considera o sucessor dos apóstolos. Hoje, quem exerce de forma legítima seu ministério são os pastores e os mestres, que nos ensinam e expõem os escritos apostólicos, edificando a igreja para que cresça na doutrina dos apóstolos.

Retomando as palavras de Paulo, notamos que ele via seu sofrimento na prisão como um fato escatológico, parte do plano que Deus já havia estabelecido e que estava ligado ao mistério de Cristo.

No versículo 25, ele explica que foi convocado por Deus para "tornar plenamente conhecida a palavra". Essa palavra é a que explica e anuncia o evangelho de Cristo aos gentios.

É possível extrair ensinamentos importantes dos versículos 25 e 26:

> *[...] da qual me tornei ministro segundo o chamado de Deus, que me foi concedido para convosco, a fim de tornar plenamente conhecida a palavra de Deus, o mistério que esteve oculto durante séculos e gerações, mas que agora foi manifesto aos seus santos.*

A referência a Cristo como "o mistério" de Deus se refere ao fato de que Jesus estava presente no Antigo Testamento, mas de maneira velada, oculta, misteriosa. Ele foi anunciado na antiga aliança por meio de tipos, figuras, símbolos e instituições — como sacrifícios ou o sacerdócio levítico. Ou seja, Jesus está na Bíblia judaica de forma oculta, misteriosa. No momento em que ele encarna, quando Deus assume uma figura humana, ocorre a revelação desse mistério. Cristo veio ao mundo, ele é a revelação de Deus e os apóstolos foram encarregados de explicar essa verdade.

Todo "mistério" da Bíblia é mistério revelado. Isso contrasta com os ensinamentos da já mencionada heresia de Colossos, um movimento esotérico que atribuía a uns poucos privilegiados a capacidade de chegar à *gnose*, o conhecimento salvador misterioso que os libertaria do mundo presente e os levaria a Deus. Ao contrário das religiões esotéricas, que são fechadas — uma espécie de maçonaria para poucos — o evangelho é anunciado abertamente ao mundo. Não há nada secreto na dinâmica que envolve sua proclamação. As reuniões cristãs são públicas e sua mensagem é conhecida, divulgada no mundo inteiro. Qualquer pessoa que se torna membro do Corpo de Cristo tem pleno acesso a Deus.

Além disso, cabe reforçar que a missão de Paulo no mundo era exatamente proclamar abertamente as boas-novas. A igreja é edificada e cresce em cima dessa proclamação — e o que o apóstolo faz na carta aos colossenses é precisamente cumprir sua vocação. Ele foi

chamado para dar cumprimento à palavra de Deus e explicar quem é Jesus e o que ele fez. Paulo deixou isso por escrito e cabe então aos cristãos edificar sobre o que ali está exposto. É o que ele diz no versículo 28: "A [Jesus] anunciamos, aconselhando e ensinando todo homem com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo."

A palavra *sabedoria* remete ao vocabulário gnóstico. A *gnose* (*sabedoria* ou *conhecimento*) era o que os integrantes daquela seita buscavam. Outro vocábulo que Paulo usa, *perfeito* (*teleion*), também fazia parte dos termos utilizados por eles. Os gnósticos falavam em perfeição, em coisas espirituais ou carnais, e usavam outros termos que compunham os jargões daquele grupo.

No versículo 29, Paulo diz que, por um lado, trabalha e luta o máximo possível para cumprir o seu ministério; mas, por outro lado, reconhece que só pode fazer isso por causa da eficácia da operação de Deus nele. Aqui está presente a combinação, que se encontra em quase toda a Bíblia, da responsabilidade humana com a soberania de Deus.

Nos versículos 24 a 29, então, o apóstolo está dizendo aos colossenses que está preso, mas se alegra por isso, pelo fato de cumprir a missão que recebeu de Deus. Ele vê seu sofrimento como o completar do que resta das aflições de Cristo pela sua igreja, para que, por meio da proclamação do evangelho, o Senhor chame os seus eleitos para fazer parte da igreja.

Aqui se encontra uma das melhores descrições bíblicas do ministério pastoral. O texto refere-se ao ministério de Paulo como apóstolo, sem dúvida alguma, mas também aponta para o ministério dos pastores e dos líderes das igrejas — é essa a tarefa deles, pois foi com essa finalidade que Deus os chamou: para instruir, advertir e ensinar. Eles têm, portanto, um alvo, que é apresentar cada pessoa perfeita em Cristo Jesus no dia do juízo.

A ideia presente no texto remete a um cenário escatológico, como se, na hora em que o pastor comparecesse diante de Deus, chamasse todos aqueles que lhe foram confiados e dissesse: "Senhor, aqui estão todos aqueles que tu me confiaste e podes ver que, pela vida e o crescimento deles, eu me desincumbi fielmente da tarefa que me deste." Esse cenário sugere que os pastores serão julgados pela qualidade de suas ovelhas. E esse é um julgamento muito severo, pois às vezes ovelhas se transformam em bodes, apesar de todo o esforço de seu pastor. Mas o alvo dos líderes, dos pregadores e dos mestres é levar todos aqueles que estão debaixo da sua responsabilidade à perfeição, a viver uma vida santa, reta e digna, a crescer no conhecimento de Deus — e Paulo diz que é por esse fim que ele luta.

O apóstolo tinha um único alvo na vida: cumprir o seu ministério. E seu ministério era declarar e ensinar "o mistério de Cristo", a verdade que outrora estava oculta, mas que então fora revelada: Jesus é o Salvador do mundo. Não só dos judeus, mas de outros que também fazem parte da igreja, os gentios. Isso era relevante para os colossenses, pois eles precisavam saber que aquela mensagem em que criam — o evangelho que receberam — fora anunciada por um homem chamado por Deus e tão convicto da verdade da cruz que estava disposto a ser preso por causa dela. E toda a luta de Paulo descrita na carta visava cumprir sua obra como ministro de Deus: buscar o crescimento e fortalecimento de suas ovelhas para que pudessem enfrentar a heresia que batia à porta.

Exposição da Palavra e oração:o papel do ministro (2.1-5)

Pois quero que saibais como é grande a luta que enfrento por vós, pelos que estão em Laodiceia e pelos que ainda não me viram em pessoa, para que o coração deles seja animado, estando vós unidos em amor e enriquecidos da plenitude do entendimento para o pleno conhecimento do mistério de Deus, Cristo, em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.

Digo isso para que ninguém vos engane com palavras capciosas.

Pois ainda que meu corpo esteja ausente, estou convosco em espírito, alegrando-me, ao ver a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo.

A carta aos Colossenses mostra que, para Paulo, não era suficiente apenas pregar o evangelho às pessoas: era necessário também orar por elas. Essas duas ações sempre andam juntas. É uma associação que pode ser encontrada, por exemplo, em Atos 6.1-4, onde está escrito que os apóstolos se recusaram a servir à mesa, porque decidiram se consagrar "à oração e ao ministério da palavra". Em Colossenses 2.1-5, Paulo informa aos irmãos de Colossos que agoniza em oração por eles.

É interessante observar que a palavra *oração* e suas cognatas não aparecem explicitamente na passagem. Paulo se refere à sua *luta* por eles (2.1). Mas, que tipo de luta ele poderia manter, estando preso em Roma, por uma igreja que nunca viu e junto à qual nunca esteve? Só existe um tipo de luta para casos como esse: a oração. Há um paralelo interessante no final dessa epístola, quando o apóstolo, referindo-se a Epafras, diz: "Cumprimenta-vos Epafras, que é um de vós, servo de Cristo Jesus, que sempre luta por vós em suas orações, para que permaneçais amadurecidos e plenamente seguros em toda a vontade de Deus" (4.12). Assim, quando Paulo se refere a seu filho na fé, diz que Epafras lutava pelos colossenses nas orações. De igual modo, quando diz que mantém uma "grande luta" por eles, somos levados a compreender que se refere à mesma ação.

A palavra que Paulo usa no original em grego e que foi traduzida como "grande luta" é *agonizomai*, de onde deriva em português o verbo *agonizar*. Trata-se de um verbo que exprime um esforço de enorme intensidade: o indivíduo está fazendo algo com tal ímpeto que chega a agonizar, pois está no limite, à beira do desespero. E é esse vocábulo que o apóstolo usa aqui. É como se dissesse: "estou agonizando por vocês".

Aquele homem estava em Roma, a centenas de quilômetros de Colossos. Não conhecia aquela igreja. Todavia, mantinha essa "grande luta" em favor daqueles irmãos. Provavelmente, era uma luta de natureza espiritual, pois quem se envolve e investe tempo em oração verá que, em determinadas ocasiões, isso se torna uma agonia espiritual. Jesus, ao orar ao Pai no Getsêmani, chegou a suar gotas de sangue, tal era a agonia envolvida naquela oração. Há de fato uma luta, um conflito espiritual, quando as pessoas se dedicam a orar, buscar a Deus e interceder pelos outros.

Na sua carta, o apóstolo refere-se primeiro ao ministério da Palavra e, depois, ora pelas pessoas. Essas são as duas tarefas principais do mestre, do pregador, do apóstolo, do líder, assim como vemos descrito em Atos. Ele precisa expor a Palavra de Deus, mas também não pode deixar de orar. Se for somente um homem de oração e não um expositor da Bíblia, a comissão será cumprida pela metade. Se ele for apenas um expositor e não uma pessoa de oração também, não surtirá efeito. Pois o pastor que apenas ora e não expõe o evangelho criará discípulos místicos, adeptos de uma espiritualidade falsa e sem embasamento bíblico. Por outro lado, se ele for somente um expositor sem vida de oração, criará meros intelectuais, um povo que conhece o evangelho mas não possui espiritualidade e não busca comunhão com Deus. Assim, as duas ações precisam andar juntas; para obter o conhecimento de mistério de Deus em Cristo, é preciso combinar o estudo e a exposição da Palavra com o desenvolvimento de uma intimidade com o Senhor por meio da oração.

E é justamente essa combinação que vemos no ministério de Paulo: ele pregava o evangelho e agonizava em oração pelas suas ovelhas. Ele queria que os colossenses soubessem dessa grande luta espiritual em que estava envolvido. Seu objetivo ao informá-los, na carta, era confortá-los, fortalecê-los e encorajá-los, fazendo-os saber que não estavam sós na peleja contra aquela heresia; embora à distância, havia guerreiros em oração, que estavam dispostos a interceder por

eles. O apóstolo de Cristo lutava pelos colossenses para que permanecessem firmes — e é exatamente isso que ele pede no versículo 2. Aqui, Paulo faz três pedidos:

1. Que os corações deles fossem animados e unidos em amor.
2. Que tivessem toda a riqueza da forte convicção do entendimento (uma certeza plena).
3. Que compreendessem plenamente o mistério de Cristo.

O cumprimento desses três pedidos ajudaria a evitar a heresia de Colossos, firmando novamente o coração do colossenses em Cristo "[...] em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (2.3). Esses três pedidos compõem uma agenda a ser cumprida pelo resto da vida: conhecer em Cristo toda a riqueza e toda a glória do conhecimento e da sabedoria. Se alguém deseja sabedoria e conhecimento deve buscar a Jesus. Paulo sempre leva o foco para a pessoa de Cristo, deixando claro que ele é tudo de que a humanidade precisa.

Isso é particularmente relevante para os colossenses, porque o apelo daquela seita era a *gnose*, o conhecimento secreto, uma sabedoria elevada e teoricamente concedida aos iniciados. Paulo diz que só é possível saciar a sede do conhecimento em Jesus: ele é o centro de tudo e é nele que deve estar o foco.

Em 2.4-5, vemos duas observações do apóstolo nesse sentido. A primeira é a razão pela qual ele fez aquelas petições. Os falsos mestres tentavam enganar os colossenses, valendo-se de "palavras capciosas", de argumentos astutos e sutis, tentando filosoficamente enganá-los e desviá-los de Cristo. O remédio para esse engano é a exposição do mistério de Deus e a oração de Paulo para que eles compreendessem esse mistério. Mas, ao mesmo tempo em que o apóstolo está preocupado com isso, ele demonstra que tem convicção da firmeza de seus destinatários, conforme 2.5.

Apesar de alguns da igreja em Colossos, aparentemente, já estarem sendo levados pela heresia dos falsos mestres, a maioria ainda permanecia firme e não havia se deixado enganar. Assim, Paulo afirma que não está lhes escrevendo por terem caído, mas, sim, para evitar que isso acontecesse. Sua certeza de que estavam firmes não o impediu de escrever uma carta de advertência, na qual instrui e exorta acerca dos perigos.

Isso mostra que é preciso sempre estar alerta para não cair nas tentações. Os cristãos têm um inimigo poderoso, que é o diabo. Ele está por detrás de todo falso ensino, pois é o pai da mentira. Consequentemente, urge estar alerta constantemente, não somente defendendo a fé, mas cuidando cada um de si para não cair nas armadilhas do diabo.

Em resumo, do versículo 24 ao 29 Paulo faz uma descrição do seu ministério de proclamação do mistério de Cristo. Já em 2.1-5, torna-se claro como ele ora pelos colossenses. E do versículo 6 até o final do capitulo, o apóstolo assume um tom mais apologético, saindo em defesa do evangelho. É importante ver como essas três ações andam juntas: a exposição da Palavra, a oração e a apologética.

Apologética: como resistir aos falsos mestres (2.6-10)

> *Portanto, assim como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, também andai nele, arraigados e edificados nele e confirmados na fé, como fostes ensinados, sempre cheios de ações de graças.*

Tende cuidado para que ninguém vos tome por presa, por meio de filosofias e sutilezas vazias, segundo a tradição dos homens, conforme os espíritos elementares do mundo, e não de acordo com Cristo; pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e nele, a cabeça de todo principado e poder, tendes a vossa plenitude.

Neste ponto da narrativa, Paulo dá uma orientação que será base para tudo que dirá em seguida (2.6-7). Então, ele inicia uma série de referências aos quatros pontos da heresia de Colossos (2.8-23), mencionados anteriormente: o gnosticismo, o legalismo, o asceticismo e o misticismo.

O versículo 6 começa com a afirmação: "Portanto, assim como recebestes Cristo Jesus [...]" (2.6-7). Aqui está o segredo da resistência aos falsos ensinamentos: andar em Cristo da mesma maneira que nós o recebemos. E os cristãos recebem Cristo pela pregação apostólica, pela fé como sendo Senhor e Salvador, e pela graça. O que Paulo está dizendo aos colossenses, então, é que em Cristo a salvação é pela graça, mediante a fé e a santificação; ninguém que é salvo pela graça se santifica pelo legalismo. A graça é, portanto, o antídoto para as heresias.

No versículo 7, o apóstolo dá sequência à explicação: "Portanto, assim como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, também andai nele, arraigados e edificados nele e confirmados na fé, como fostes ensinados, sempre cheios de ações de graças." Essas são metáforas que Paulo usa para afirmar que Cristo é a base, a raiz da árvore, o fundamento do edifício e a confirmação dos cristãos. E propõe gratidão ao Deus que os salvou.

A base de que Paulo fala é esta: o cristão deve viver da mesma maneira como se tornou cristão, ou seja, pela graça, pela fé, com base na pregação apostólica, crescendo em Cristo, radicado, edificado, fortalecido e assegurado nele, e vivendo para a glória de Deus em ações de graças. Com isso, os versículos 6 e 7 podem ser apontados como o resumo do ensinamento que está presente na seção prática da carta. Em seguida, Paulo mostra como isso se desenvolve no que se refere à heresia de Colossos. Dos versículos 8 a 10, ele trata da questão do gnosticismo, especialmente da ideia dos poderes espirituais (os "espíritos elementares do mundo"):

Tende cuidado para que ninguém vos tome por presa, por meio de filosofias e sutilezas vazias, segundo a tradição dos homens, conforme os espíritos elementares do mundo, e não de acordo com Cristo; pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e nele, a cabeça de todo principado e poder, tendes a vossa plenitude (2.8-10).

Embora não esteja dito de forma explícita, esses três versículos são uma refutação ao ensino dos gnósticos de que entre os homens e Deus havia uma hierarquia que dominava os corpos celestes e o destino da humanidade. Pode-se compreender essa realidade ao buscar referências na literatura gnóstica grega daquela época e em pesquisas de historiadores romanos que descrevem esse tipo de movimento. A reconstituição nos leva com alguma segurança à conclusão, já mencionada anteriormente, de que os gnósticos ensinavam um tipo de religião pagã segundo a qual acreditavam num mundo dominado por seres espirituais, que aprisionavam o homem na terra. Para vencer essa prisão, as pessoas precisavam agir de determinada maneira, cumprir certas regras, mortificar o corpo para, só então, ascender a Deus por meio de um conhecimento secreto que só eles possuíam.

Quando Paulo recomenda que os colossenses deveriam tomar cuidado para que "ninguém vos tome por presa, por meio de filosofias e sutilezas vazias", ele está se referindo à argumentação filosófica que os gnósticos utilizavam. Boa parte do ensinamento deles derivava da filosofia grega e do neoplatonismo. Ensinavam, em especial, o pensamento de que a realidade era dividida entre um mundo espiritual bom e um mundo material inferior e mau. É o chamado *dualismo*.

Assim, o apóstolo recomenda cautela, pois aquela era uma visão de mundo errada. Ele explica que, da perspectiva bíblica, o universo material não é ruim, pois o mesmo Deus que criou a alma também criou o corpo: em Cristo habita "corporalmente" toda a plenitude da divindade. Pela fé cristã, ambos pertencem a Deus e serão redimidos; ambos são alvo da redenção de Cristo na morte e na ressurreição.

Quando Paulo menciona "segundo a tradição dos homens", provavelmente está se referindo à tradição judaica, particularmente à tradição oral que se consolidou entre Malaquias e o último profeta, João Batista — justamente no período do segundo templo. Foi nessa época que surgiu a chamada Torá oral, a consolidação dos rabinos. Ela solidificou tradições que, na época de Jesus, já faziam parte da religião dos judeus. É importante lembrar que a autoridade dessa tradição oral foi veementemente combatida por Cristo, para quem os israelitas desonravam a Deus por meio dessa tradição.

Cristo constantemente rejeita essas tradições humanas que se inseriram no judaísmo original e que, nos séculos III e IV, viraram o Talmude e os *Midrashim*. A *Tanach* (a Lei) era interpretada e o conjunto dessas interpretações virou os *Midrashim* e, depois, o Talmude — a interpretação da Lei pelos rabinos. Até hoje são a base do judaísmo. É possível que os tais mestres gnósticos, por serem judeus, estivessem argumentando com base na tradição, para conferir respeitabilidade aos seus ensinos.

Nessa passagem, Paulo menciona pela segunda vez os "espíritos elementares do mundo" (*stoicheia tou kosnou),* expressão grega encontrada na literatura gnóstica em referência aos seres angélicos que dominavam o espaço entre Deus e os homens. Há uma clara intenção de Paulo por trás do uso que ele faz desses termos. Ele não nega a existência de seres espirituais, tanto que na carta aos efésios ele usa o mesmo termo, "principados e potestades", para se referir a Satanás e seus anjos. O que Paulo rejeita é a ideia gnóstica de que os seres angelicais são intermediários entre Deus e os homens.

Assim, "filosofia e sutilezas vazias" é uma expressão que aponta para a natureza filosófica daquela heresia; a menção de Paulo à "tradição dos homens" aponta para seu caráter judaico; já sua referência a "espíritos elementares do mundo" aponta para suas características pagãs e místicas. Paulo afirma que tudo isso nega Cristo. Tratava-se de uma religião com aparência de sabedoria, que

oferecia uma série de credenciais de respeitabilidade, mas com um defeito fundamental: não tinha Jesus.

O apóstolo prossegue e diz: "pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade". Tal afirmação era escandalosa para aqueles hereges, visto que criam na inferioridade do corpo. Mas Paulo bate de frente com os pilares daquela religião ao declarar que a divindade que os gnósticos queriam oferecer, na verdade, está corporalmente em Cristo. Ele é plenamente Deus e nele Deus habita plenamente. Portanto, nele os cristãos já estão aperfeiçoados.

Os gnósticos ensinavam que era necessário alcançar esse aperfeiçoamento através de crescimento espiritual. Eles listavam patamares dentro da espiritualidade: o material, seguido pelo carnal, o psíquico e, por fim, o pneumático. Havia, então, pelo menos quatro níveis na ascensão gnóstica do conhecimento para se chegar a Deus. No entanto, Paulo afirma que aquilo era desnecessário, pois os cristãos já estão aperfeiçoados em Cristo, de uma vez por todas.

O versículo 10 estabelece que Jesus é "a cabeça de todo principado e poder", ou seja, todos os seres angelicais estão submissos a ele. Se alguém está em Cristo não precisa se preocupar com esses seres. Paulo questiona por que alguém desejaria uma religião baseada em principados e poderes como mediadores quando pode ter aquele que é a cabeça dos anjos, o próprio Senhor, que criou todas as coisas e reina supremo sobre tudo e todos.

Essa é uma comparação implícita entre a grandiosidade do cristianismo e a pequenez das religiões pagãs, sempre com divindades inferiores, com seus deuses feitos à imagem e semelhança do homem. Na fé cristã, o próprio Deus-homem é a plenitude da divindade, o mediador, o cabeça, e por meio dele somos aperfeiçoados e chegamos plenamente a Deus.

Assim, nesses três versículos, Paulo expõe e refuta a falácia do falso ensinamento de que os anjos são mediadores e que podem nos fazer chegar até Deus por níveis crescentes de conhecimento. Afirma que,

em Jesus, habita corporalmente a plenitude da divindade — nele estamos aperfeiçoados. Essas afirmações valem para os nossos dias. Toda religião, movimento ou nova ideia que diminui a pessoa de Cristo e que o tira do centro de todas as coisas não provém de Deus. Se de fato viesse de Deus, Jesus estaria no centro, sempre exaltado e glorificado.

Outras tendências combatidas em Colossenses (2.11-23)

Nele também fostes circuncidados com a circuncisão que não é feita por mãos humanas, o despojar da carne pecaminosa, isto é, a circuncisão de Cristo, sepultados com ele no batismo, com quem também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos.

E a vós, quando ainda estáveis mortos nos vossos pecados e na incircuncisão da vossa carne, Deus vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos pecados; e, apagando a escrita de dívida, que nos era contrária e constava contra nós em seus mandamentos, removeu-a do nosso meio, cravando-a na cruz; e, tendo despojado os principados e poderes, os expôs em público e na mesma cruz triunfou sobre eles.

Assim, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados, os quais são sombras das coisas que haveriam de vir; mas a realidade é Cristo.

Ninguém seja árbitro contra vós, fingindo humildade ou culto aos anjos, baseando-se em coisas que tenha visto, inutilmente arrogante em seu conhecimento carnal, e não retendo a Cabeça, com a qual todo o corpo, suprido e organizado pelas juntas e ligamentos, vai se desenvolvendo segundo o crescimento concedido por Deus.

Visto que morrestes com Cristo para os espíritos elementares do mundo, por que vos sujeitais ainda a mandamentos como se vivêsseis no mundo, tais como não toques, não proves, não manuseies?

Todas essas coisas desaparecerão com o uso, pois são preceitos e doutrinas dos homens.

Na verdade, esses mandamentos têm aparência de sabedoria em falsa devoção, falsa humildade e severidade para com o corpo, mas não têm valor algum no combate aos desejos da carne.

Neste ponto do segundo capítulo da carta aos colossenses, entre os versículos 11 e 23, nos deparamos com três outras tendências que Paulo combate além do gnosticismo: o legalismo, o misticismo e o ascetismo. Elas são relevantes para o cristão do século 21, pois estavam presentes naquela época, mas ainda hoje se infiltram na igreja. Vamos analisar cada uma delas:

Legalismo (2.11-17)

Nele também fostes circuncidados com a circuncisão que não é feita por mãos humanas, o despojar da carne pecaminosa, isto é, a circuncisão de Cristo, sepultados com ele no batismo, com quem também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos.

E a vós, quando ainda estáveis mortos nos vossos pecados e na incircuncisão da vossa carne, Deus vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos pecados; e, apagando a escrita de dívida, que nos era contrária e constava contra nós em seus mandamentos, removeu-a do nosso meio, cravando-a na cruz; e, tendo despojado os principados e poderes, os expôs em público e na mesma cruz triunfou sobre eles.

Assim, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados, os quais são sombras das coisas que haveriam de vir; mas a realidade é Cristo.

Nesses sete versículos é possível encontrar o segundo conjunto de ideias que a carta aos colossenses combate, e que era mais um dos ingredientes da famigerada heresia que ameaçava a igreja daquela cidade: o legalismo. Podemos considerar como legalismo qualquer teoria de salvação de pecados que acrescente uma ou mais regra ou norma à obra completa de Cristo. Os legalistas geralmente não negam Jesus, apenas acrescentam algo ao evangelho. Essa visão não se contenta com o Senhor, mas estabelece como necessário mais algum ritual, norma ou crença além de Cristo.

Paulo combate nesses versículos uma espécie de legalismo que se associava ao gnosticismo incipiente, que estava preocupando as igrejas de Hierápolis, Laodiceia e Colossos. O legalismo nunca abandonou o cristianismo, sempre esteve presente em maior ou menor medida. No século 21, estamos familiarizados com tentativas dentro do próprio meio evangélico de pessoas que querem escravizar a consciência e pautar a conduta dos cristãos por meio de normas e regras que não estão presentes na Palavra de Deus. Isso sem mencionar os que colocam tais regras como condições para a salvação.

Alguns elementos desse trecho apontam claramente para o fato de que Paulo está tentado responder ao viés judaico do legalismo. Primeiro, ele fala de circuncisão, depois menciona uma "escrita de dívida" — que parece ser uma referência à legislação mosaica. Em

seguida fala do comer e do beber — uma referência à dieta judaica — e fala de dias de festa, de lua nova ou sábados, todas datas que faziam parte do calendário sagrado dos israelitas. Naquela época, se alguém perguntasse a um pagão o que era um judeu, ele poderia responder da seguinte maneira: "É uma pessoa que não faz nada no sábado, não come carne de porco e circuncida os filhos".

Esses três elementos (circuncisão, a dieta religiosa prescrita em Levítico e o calendário judaico) eram as marcas do judaísmo. No entanto, Paulo diz que nada disso tem poder para nos aperfeiçoar, nos salvar e nos levar a Deus.

Para provar isso, primeiro ele diz que os colossenses já tinham sido circuncidados (2.11), mas não no sentido da circuncisão física, da remoção do prepúcio, mas a verdadeira circuncisão — da qual a circuncisão física era apenas símbolo. E essa que ele menciona é a circuncisão do coração, a remoção da culpa e do poder do pecado. Não podia ser feita por mãos humanas, somente mediante o Espírito Santo, pela obra de Cristo. Paulo afirma que os cristãos já foram circuncidados em Jesus e não precisavam circuncidar-se fisicamente, ao contrário do que os hereges estavam dizendo.

Quando o apóstolo afirma que essa circuncisão de Cristo ocorre não por intermédio de mãos humanas, mas pelo despojar da carne pecaminosa, ele se refere à intervenção radical de Deus ao implantar no crente, por ocasião da conversão, uma nova natureza, o que subjuga e mortifica a natureza pecaminosa. Claro que ele não está inferindo perfeição, mas sim despojamento fundacional e inicial da carnalidade interior. É essa a circuncisão de Cristo, isto é, aquela que é efetuada por ele. Fica claro, assim, que a circuncisão do Novo Testamento era um símbolo do novo nascimento, da regeneração, à qual Paulo chama de circuncisão de Cristo.

O batismo é o símbolo dessa realidade, dessa circuncisão interior na figura da morte e ressurreição em Cristo. Os cristãos de Colossos, portanto, não precisam dar ouvidos aos falsos mestres, os quais

afirmam ser necessário remover a carne do prepúcio, uma vez que já foram circuncidados quando se converteram e foram batizados (sendo este último o símbolo externo dessa circuncisão, desse novo nascimento).

Após tratar da questão da circuncisão, o apóstolo passa a tratar da lei cerimonial, ou, em suas palavras, "a escrita de dívida que nos era contrária" (2.13-15). Ele diz que, na morte, Jesus revogou todas as penalidades da Lei contra os salvos. As ordenanças de Deus eram contrárias não porque a Lei fosse ruim, mas por ela ser boa, espiritual e procedente de Deus — por refletir o caráter santo do Senhor. O problema não é a Lei, mas os homens, porque ela é santa e a humanidade é pecadora. Assim, a Lei de Deus se torna uma escrita de dívida, pois quando diz "não matarás", "não adulterarás" ou "não cobiçarás", está declarando a nossa dívida — visto que quebramos essas ordenanças e todos os outros mandamentos da Lei. Dessa maneira, ela acaba sendo um registro de nossa dívida, a contabilidade em que estão anotados os nossos pecados e, portanto, nos é contrária nesse sentido. Em resumo, a Lei aponta os nossos pecados, contabiliza a nossa dívida e nos põe na condição de devedores e culpados debaixo da ira de Deus.

Curiosamente, logo depois, Paulo menciona outra vez os principados e poderes. No versículo 14 explica que Cristo removeu a escrita de dívida e, no verso 15, diz que ele triunfou sobre os principados e poderes. Qual seria a relação desses principados e poderes com a Lei? Por que esses dois assuntos entraram no mesmo contexto?

Há dois lugares no Novo Testamento em que se pode ver que a Lei foi dada por mãos de anjos (At 7.53 e Gl 3.19). Em Gálatas Paulo cita o fato em sentido pejorativo, pois está fazendo uma comparação entre Cristo e a Lei. Para mostrar que a Lei é inferior, ele diz que ela "foi ordenada por meio de anjos", enquanto o evangelho nos foi dado pelo próprio Cristo. Estranhamente, quando se examina o Antigo

Testamento pode-se ver que, quando Moisés subiu ao monte, recebeu a Lei diretamente de Deus. Essa informação que Paulo cita em Gálatas vem de uma tradição judaica oral, a qual dizia que os anjos receberam a Lei das mãos de Deus e a entregaram a Moisés. Paulo vê isso como um sinal da inferioridade da Lei, uma vez que os anjos são inferiores a Cristo.

Havia, portanto, essa associação antiga entre a entrega da Lei e o ministério dos anjos. Como os gnósticos enfatizavam primeiro a realidade desses seres espirituais e, ao mesmo tempo, diziam que era necessário guardar a Lei, quando Paulo cita que ela foi anulada na cruz no que diz respeito a nossa condenação, isso significa uma derrota dos principados e poderes, uma vez que aquilo que fora promulgado pelas mãos deles também fora anulado por Cristo.

É preciso, então, ler a passagem pensando nessa realidade:

> *E a vós, quando ainda estáveis mortos nos vossos pecados e na incircuncisão da vossa carne, Deus vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos pecados; e, apagando a escrita de dívida, que nos era contrária e constava contra nós em seus mandamentos, removeu-a do nosso meio, cravando-a na cruz; e, tendo despojado os principados e poderes, os expôs em público e na mesma cruz triunfou sobre eles (2.13-15).*

Com essas palavras Paulo cria uma imagem mental como se, na hora em que os cravos entraram nas mãos de Cristo, eles estivessem também ali encravando a Lei, prendendo-a na cruz, de maneira que agora já não poderia mais sair dali para condenar quem quer que fosse. Isso porque, preso à Lei, está o sacrifício que ela exige. As duas coisas estão juntas, cravadas na cruz: a Lei que nos era contrária, com sua escrita de dívida e, por cima, o recibo do pagamento. Cristo e a Lei, cravados na cruz, nos lembram, toda vez que percebemos que a Lei nos condena, que, ao seu lado, gravado em sangue, está o recibo de garantia de quitação dessa dívida. Isso representa a vitória de Cristo sobre esses poderes, como o apóstolo diz no versículo 15: "[...]e, tendo despojado os principados e poderes [uma expressão que Paulo sempre

usa para os seres angelicais e aqui se aplica aos do mal], os expôs em público e na mesma cruz triunfou sobre eles".

A linguagem que o apóstolo usa aqui é extraída do contexto militar. *Despojar* significa *desarmar*. Quando um soldado vencia o outro no campo de batalha ele desarmava o vencido, tirava a armadura e todas as armas, deixando o indivíduo inoperante. Depois, amarrava o derrotado em seu carro de combate e entrava em triunfo na sua cidade. O povo fazia festa em celebração ao triunfo e recebia o vencedor com pétalas de flores como homenagem. Nos vencidos, que vinham atrás, atiravam restos de alimentos, pedras e outros objetos. É essa imagem que Paulo usa aqui para falar do triunfo de Cristo na cruz sobre principados e poderes: a cruz representa a vitória de Deus sobre o legalismo, os principados e poderes, sobre a condenação da Lei. É como se a crucificação fosse a entrada triunfal do Cristo vencedor nos lugares celestiais, trazendo vencidos e amarrados atrás de si os principados e poderes malignos, expostos dessa forma à vergonha cósmica diante de anjos e homens.

O objetivo do apóstolo é levantar o questionamento: se Cristo já removeu a escrita de dívida, por que alguém seguiria uma seita que exigia de seus seguidores que se circuncidassem, se abstivessem de uma série de coisas e que propagava a mediação de demônios? Paulo sempre faz esse contraste quando fala da suficiência de Jesus.

Ainda no mesmo tópico, ele fala da dieta dos judeus e do calendário israelita, que inclui o sábado. Em 2.16 ele diz: "Assim, ninguém vos julgue" por causa dessas coisas, ou seja, orienta os colossenses a não se submeterem ao julgamento de ninguém "pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados". O apóstolo refuta a ideia de que os cristãos fossem imperfeitos e inferiores por não guardarem ordenanças judaicas. E mais: afirma que ninguém deveria julgá-los, pois todas essas coisas não passam de "sombras das coisas que haveriam de vir; mas a realidade é Cristo" (2.17).

Essa referência ao calendário judaico como sendo "sombras" dissipadas pela realidade remete à imagem de uma pessoa que tem por trás de si uma luz forte como a do Sol e alguém se aproxima dela por trás. Como está de costas, não vê quem está chegando, só vê uma sombra. Quanto mais se aproxima, mais a sombra diminui, até que, finalmente, esse alguém chega e o indivíduo já não precisa mais da sombra, pois agora contempla face a face a pessoa que chegou. Assim, a sombra permite ver o contorno da pessoa, mas não discerni-la nem ver seu rosto. Assim, Paulo está dizendo que a dieta religiosa, o calendário dos judeus, a circuncisão, enfim, todas aquelas coisas eram sombras da realidade que é Cristo. Quando Jesus estava chegando, a sombra dele projetava-se no Antigo Testamento. No entanto, com a encarnação do Verbo, a sombra já não era mais necessária, pois ele já podia ser visto frente a frente. Uma sombra: é isso que o Antigo Testamento é, com sua lei cerimonial, suas ordenanças e tudo o mais. Cristo, a realidade prenunciada por essas sombras, veio e por isso todas essas coisas tornaram-se supérfluas, desnecessárias.

Logo, seria um retrocesso para os colossenses voltarem-se àquelas ordenanças. Em nossos dias, há cristãos no meio evangélico correndo atrás de tudo o que é de Israel — coisas como *shofar*, candelabro, guardar o sábado e outros elementos do contexto judaico. Há igrejas que comemoram todas as festas judaicas, como se isso representasse uma grande espiritualidade. Colossenses mostra que essas coisas todas são somente sombras de uma realidade infinitamente superior: Cristo. A realidade chegou: Não precisamos mais das sombras.

Misticismo (2.18-19)

> *Ninguém seja árbitro contra vós, fingindo humildade ou culto aos anjos, baseando-se em coisas que tenha visto, inutilmente arrogante em seu conhecimento carnal, e não retendo a Cabeça, com a qual todo o corpo, suprido e organizado pelas juntas e ligamentos, vai se desenvolvendo segundo o crescimento concedido por Deus.*

A terceira tendência combatida na carta por Paulo é o misticismo, uma forma distorcida de espiritualidade. É caracterizado pelo emocionalismo e um apego ao sobrenatural destituído de conteúdo bíblico. Por ter origem nas religiões pagãs, o misticismo afirma que o bem e o mal são dois lados da mesma moeda. Portanto, por essa visão, Deus e o diabo seriam o mesmo, dependendo do ponto de vista pelo qual se olha, pois a espiritualidade mística não faz distinção entre o bem e o mal.

O problema com essa visão é que nem todos os espíritos são bons. Há anjos que servem a Deus e foram criados para a honra e a gloria do Senhor, mas também existem anjos maus, perversos e decaídos, que lutam contra a igreja de Deus. A Bíblia nos fala a respeito desses anjos caídos: espíritos malignos que estão ao nosso redor e que provocam e estimulam o surgimento e o desenvolvimento de qualquer religião que não seja centrada na pessoa de Jesus Cristo.

Paulo combate aqui a proposta de culto aos anjos, de serviço a uma hierarquia espiritual angélica. Pode-se encontrar essa mesma forma distorcida de pensamento ao longo da história da igreja e também na atualidade. Não é raro ver pessoas que defendem uma linha de espiritualidade baseada em contemplações e visões, mas com pouco conteúdo doutrinário ou teológico. Isso acaba levando ao contato com seres espirituais que estão ao nosso redor, embora não sejam necessariamente do bem.

No caso específico dessa passagem, o que estava acontecendo em Colossos era o culto aos anjos por parte dos membros daquela seita gnóstica. Esses anjos eram os principados e poderes que serviriam de mediadores entre Deus e os homens. Acreditava-se que eles tinham de ser adorados, uma prática estabelecida com base na autoridade de visões. Aqueles falsos mestres afirmavam ter recebido uma visão de Deus, uma última revelação que não teria sido feita aos apóstolos, segundo a qual lhes fora concedido um conhecimento secreto. Defendiam que nem mesmo aos discípulos mais próximos de Jesus

tinha sido revelado que, além do culto a Cristo, seria necessário prestar adoração aos seres angélicos para chegar de fato à presença de Deus. Paulo rejeita completamente esse tipo de posicionamento ao dizer: "Ninguém seja árbitro contra vós".

Ser "árbitro contra vós" é uma expressão difícil de traduzir do grego original para o português. Significa, literalmente: "Ninguém vos prive do prêmio". Pois era exatamente isso que o árbitro ou juiz fazia numa competição: ele determinava que o atleta não poderia mais disputar o prêmio porque estava desqualificado, sem condições de competir. Assim, os tais mestres diziam que aqueles cristãos não chegariam a lugar algum porque não estavam recebendo a nova sabedoria, a *gnose*. Era como se dissessem: "Como vocês não estão praticando essas regras, estão desqualificados".

Como os falsos mestres estavam impondo aquele jugo aos crentes de Colossos, Paulo diz que ninguém deveria se fazer de árbitro contra eles, os crentes, "fingindo humildade ou culto aos anjos, baseando-se em coisas que tenha visto". Essa era a base da suposta autoridade deles, a afirmação de que eles teriam "visto" algo novo da parte de Deus, algo que Deus teria dito diretamente a eles. Esse fenômeno continua até a atualidade. Muitas pessoas introduzem novas ideias na igreja com base não na autoridade da Palavra de Deus, mas sim naquilo que alegam ter "visto" em sonhos, visões ou em uma aparição hipotética do Senhor. Dizem, assim, que Deus lhes falou, que viram algo em visão espiritual, que receberam uma profecia ou uma revelação. Com isso, propõem doutrinas que não estão nas Escrituras. Essa é sempre a base usada pelos falsos profetas. Paulo, porém, rejeita esse misticismo.

Talvez seja relevante mencionar aqui que o misticismo continua presente na igreja cristã moderna, embora sob outras formas. Contudo, a sua característica principal, que é o embasamento em experiências místicas, permanece a mesma. Com as devidas qualificações, menciono como exemplo vertentes do moderno

movimento de espiritualidade que tomam como inspiração experiências místicas e visões dos monges e freiras da Idade Média. Poderíamos ainda citar a forte ênfase em visões e revelações que existe em setores dos movimentos pentecostais, que acabam servindo de base para o surgimento de conceitos e práticas evidentemente antibíblicas.

Ascetismo (2.20-23)

> *Visto que morrestes com Cristo para os espíritos elementares do mundo, por que vos sujeitais ainda a mandamentos como se vivêsseis no mundo, tais como não toques, não proves, não manuseies?*
>
> *Todas essas coisas desaparecerão com o uso, pois são preceitos e doutrinas dos homens.*
>
> *Na verdade, esses mandamentos têm aparência de sabedoria em falsa devoção, falsa humildade e severidade para com o corpo, mas não têm valor algum no combate aos desejos da carne (2.20-23).*

A quarta tendência que Paulo combate na carta à igreja de Colossos é o ascetismo. Trata-se da abstinência de alimentos e prazeres lícitos dentro da fé bíblica e da promoção da autoflagelação, com o objetivo de supostamente alcançar um nível superior de espiritualidade ou de comunhão com Deus. Por definição, é o ensino que diz que é preciso abster-se e punir-se para crescer espiritualmente.

Geralmente os movimentos ascéticos negam a legitimidade ou a necessidade de instituições como o casamento, pregam a abstinência de certas comidas e bebidas e advogam a autoflagelação. O objetivo seria mortificar a natureza humana e aproximar o fiel de Deus.

O asceticismo é muito antigo, característico das religiões orientais e de formas primitivas de cristianismo. Prosseguiu pela Idade Média e se traduziu no surgimento de mosteiros, em votos de silêncio, na abstinência sexual até mesmo para pessoas casadas e na abstinência em relação a uma série de outras práticas que eram inteiramente legítimas. No meio evangélico do século 21 é possível encontrar essa tendência de abstinência e autopunição como um caminho proposto para se alcançar uma espiritualidade mais profunda.

Na igreja em Colossos, o problema consistia no fato de os hereges afirmarem que, para que o cristão pudesse progredir e vencer a matéria, não podia manusear certas coisas, provar determinados alimentos e bebidas ou sequer tocar na coisa em questão. Isso mostra uma clara progressão: primeiro não se podia manusear; depois não se podia provar e por último não se podia sequer tocar. Isso remete ao que Eva disse à serpente no Éden (Gn 3.1-3):

> *Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o SENHOR Deus havia feito. E ela disse à mulher: Foi assim que Deus disse: Não comereis de nenhuma árvore do jardim?*
>
> *Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis; se o fizerdes, morrereis.*

Quando o diabo questiona Eva sobre por que não comia do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, ela afirma que Deus os proibira não só de comê-lo, mas também de tocá-lo. Aquela foi a primeira resposta ascética da história, pois o Senhor não os havia proibido de tocar, somente de comer. Contudo, o ascetismo sempre começa dizendo "não manuseie", depois parte para uma norma mais severa: não prove, nem ao menos toque. Há sempre uma gradação intensificadora da proibição.

Aqueles falsos mestres estavam impondo esse rigor ascético aos crentes, dizendo que, para chegar a Deus e se aperfeiçoar, precisavam cumprir uma série de requisitos. Não se sabe exatamente naquele caso específico que requisitos seriam esses, mas talvez fosse algo relacionado ao casamento, a determinadas comidas e bebidas ou a prazeres considerados ilícitos. É isso que o ascetismo faz: busca mortificar o corpo para elevar o espírito.

Nesse contexto Paulo diz: "Visto que morrestes com Cristo" (2.20). A conjunção "Visto que" pode ser traduzida como "já que". Infelizmente, a tradução dessa conjunção para o português em algumas versões bíblicas foi mais literal — "se" —, pois, no grego, o

termo é *ei*, uma condicional seguida do verbo no indicativo, o que sempre aponta uma oração condicional, mas não de dúvida, e sim de certeza. A tradução mais precisa seria: "Já que morrestes com Cristo". Paulo não está duvidando, mas sim afirmando.

Uma passagem em que ocorre a mesma questão é Romanos 8.31, na qual Paulo afirma: "Portanto, que poderemos dizer diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?". O texto grego não postula uma dúvida aqui, mas sim a certeza: *já que* Deus é por nós, quem será contra nós? O mesmo ocorre nessa afirmação de Paulo aos colossenses: já que vocês morreram com Cristo para os espíritos elementares do mundo, para essas filosofias, por que se sujeitam a essas regras mundanas que os proíbem de provar, manusear, tocar certas coisas?

Um cristão não deve se envolver com o ascetismo em sua espiritualidade. Em primeiro lugar, porque já morreu com Cristo para esse tipo de regra e nele é aperfeiçoado e santificado. Não há necessidade de uma listagem de normas que ordenem não fazer isso ou aquilo. Não são essas práticas que vão santificá-lo, mas sua união com Jesus. Em segundo lugar, porque "todas estas coisas desaparecerão com o uso" (2.22). Quando se ingere um alimento, ele se destrói. Visto que esses elementos se destroem com o uso, por que haveria a necessidade de abster-se deles? Em terceiro lugar, porque "esses mandamentos têm aparência de sabedoria em falsa devoção, falsa humildade e severidade para com o corpo, mas não têm valor algum no combate aos desejos da carne" (2.23). Paulo admite que as práticas ascéticas são atitudes com aparência de piedade, mas que, ao final das contas, representam um culto à própria pessoa, pois não têm valor algum no combate aos desejos da carne.

É importante notar que, neste contexto, a expressão *desejos da carne* é posta como um resumo de todas as paixões humanas, particularmente aquelas relacionadas com a área sexual. De acordo com Paulo, mesmo que regras sejam criadas, elas não terão poder

para acabar com a paixão sensual no coração do ser humano. Ele está dizendo que, por mais que se possa inventar uma regra e tentar sufocar com todas as forças as paixões do coração humano, ninguém vai conseguir atingir esse objetivo. Pois só uma coisa é eficaz contra a natureza pecaminosa: a cruz. A união com Cristo, por sua morte e ressurreição, é que concede o poder diário para dizer *não* à natureza pecaminosa.

* * *

Aqui termina o segundo capítulo de Colossenses, a seção comparativamente mais teológica dessa epístola. É claro que há teologia em todos os capítulos; mas, aqui, Paulo se dedica mais especificamente a explicar a pessoa e a obra de Cristo à luz das reivindicações dos falsos mestres. Paulo fala da excelência de Cristo e ataca a heresia de Colossos, dizendo que o conceito de sabedoria de seus proponentes é inadequado. Ele afirma que Cristo é a sabedoria do cristão e que o gnosticismo, o legalismo, o misticismo e o ascetismo são inúteis para resolver o problema da carne, da corrupção do coração humano. Jesus é suficiente e nele se encontra tudo de que a humanidade caída precisa. Ele é o criador, o redentor, é Deus. Em Cristo habita plenamente a divindade. Ele já triunfou sobre a morte e cravou na cruz a Lei contrária aos homens, a escrita de dívida. Cristo triunfou sobre principados e potestades, os seres angelicais tão temidos por aqueles indivíduos. Paulo mostra que não havia o que temer da parte desses seres, pois Jesus não só os criou como está acima deles e já triunfou sobre eles na cruz.

Colossenses é, então, uma carta que liberta, empolga e traz um grande alívio ao pecador cuja consciência está confusa. A epístola carrega uma mensagem maravilhosa para quem se sente culpado e sem direção. É, sem dúvida, uma carta que pretende firmar as pessoas em Cristo como a solução para todas as dúvidas e

necessidades. Jesus é tudo de que as pessoas precisam. Nele os cristãos são aperfeiçoados e nele encontram poder para viver uma vida santa. Só em Cristo é possível obter plena redenção.

Como está sua vida em relação a Cristo? Você o ama? Vive para ele? Tem comunhão com Jesus? É a ele que recorre ou tem criado para si uma religião baseada em regras, experiências e uma série de outros elementos que têm aparência de piedade, porém não têm eficácia? O caminho correto é Jesus. É preciso ter dependência dele, viver com ele diariamente. Dele vem o poder da ressurreição — o único fenômeno que, de fato, pode vencer a natureza carnal do homem pecador.

CAPÍTULO 3

UMA VIDA FOCADA EM CRISTO E NAS COISAS DE CIMA

Colossenses 3.1-17

O capítulo 3 marca a parte mais prática de Colossenses, em que Paulo diz aos irmãos de que maneira devem viver a vida cristã. É um ponto da mais alta importância, pois a heresia de Colossos fixava-se exatamente nisso: oferecia um caminho de perfeição e avanço espiritual, mas com base naquilo que o homem poderia fazer, em regras, normas, preceitos ascéticos. Só que nada disso tem eficácia para mortificar a natureza humana e conduzir o pecador a Deus. Paulo argumenta que para isso há outro caminho, que é o da união com o Cristo morto e ressurreto. Esse é o tema que domina o restante da carta.

Paulo começa o capítulo 3 falando dessa união com Jesus (3.1-4) para, em seguida, começar a tratar dos efeitos disso na vida diária do cristão. Primeiro, em termos de se despojar da velha natureza (3.5-11) e, depois, acerca das implicações de se revestir do novo homem (3.12—4.1-6). O apóstolo fala dos deveres familiares, sociais e eclesiásticos dos crentes e termina com saudações, por meio das quais é possível conhecer mais a respeito dos irmãos encarcerados na prisão de Roma.

A união do cristão com Jesus (3.1-4)

Já que fostes ressuscitados com Cristo, buscai as coisas de cima, onde Cristo está assentado à direita de Deus.

Pensai nas coisas de cima e não nas que são da terra; pois morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.

Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, também vos manifestareis com ele em glória.

Nos quatro versículos iniciais do terceiro capítulo de Colossenses, Paulo orienta os membros da igreja naquela cidade a buscar as "coisas de cima". Esta é sua orientação central: pensar nelas e buscá-las, pois esse é o foco da vida do cristão. Para entender o que o apóstolo está dizendo nesta seção, devemos resumir o pensamento dele na ideia de que os cristãos estão unidos a Cristo em sua morte e ressurreição.

Esse é o ponto de partida quando ele diz: "Já que fostes ressuscitados com Cristo" (3.1). Outras versões bíblicas trazem "*se* fostes ressuscitados com Cristo," o que poderia dar a ideia de que Paulo está colocando a ressurreição de seus leitores com Cristo no campo da possibilidade ou da hipótese. Na verdade, Paulo não está pondo esse fato em dúvida. É exatamente o mesmo caso que encontramos em 2.20, quando ele diz: "Visto que morrestes com Cristo." Ele não está falando de uma hipótese ou condição, mas fazendo uma constatação. Por isso, embora algumas versões bíblicas optem por "se fostes ressuscitados juntamente com Cristo", uma tradução mais adequada seria "Já que fostes ressuscitados com Cristo". Ele está partindo do pressuposto de que os colossenses eram crentes e haviam sido unidos a Cristo na ressurreição — o que aconteceu, potencialmente, quando Cristo ressuscitou dentre os mortos e, na prática, no momento em que aqueles irmãos se converteram, quando se apropriaram dessa ressurreição.

No versículo 3, ele diz "pois morrestes", uma vez que de fato morreram na morte de Cristo. Quando Jesus pereceu, ele o fez como representante dos que viriam a ser salvos e, portanto, estes morreram com ele. Esse é o ponto básico, o princípio do qual Paulo parte: o cristão, por definição, é alguém que está unido a Cristo na sua morte e ressurreição, uma vez que Jesus é o nosso representante, o nosso substituto, e por isso a história dele é a nossa história. Quando Cristo morre, os cristãos morrem; quando ele ressuscita, os cristãos ressuscitam com ele.

Em seguida, o apóstolo mostra que a vida do cristão "está escondida com Cristo em Deus" (3.3). Nesse contexto *vida* é a realidade do que é a igreja; é a vida espiritual. Ela está escondida com Cristo porque nem sempre é visível, o mundo não percebe essa realidade. Às vezes, nem mesmo os crentes percebem: olham para si sem notar mudança em sua vida. A verdade é que essa vida está presente, mas por vezes passa sem ser percebida; está oculta, escondida. A boa notícia é que está oculta em Cristo durante o tempo presente, mas um dia será plenamente manifesta (3.4).

Quando Cristo "se manifestar" (3.4), esta vida será conhecida do mundo. Por enquanto, as pessoas não veem muita diferença entre os cristãos e o restante da humanidade. Nós nos vestimos e trabalhamos como os outros, torcemos por um time de futebol, frequentamos restaurantes, namoramos, nos casamos, criamos filhos e estudamos como os demais. Logo, em certos aspectos nem sempre essa vida — essa união com Cristo — é evidente. Mas no dia da segunda vinda de Cristo, quando ele se manifestar, o mundo não conhecerá somente a ele, mas também conhecerá a igreja. Isso não quer dizer, porém, que os cristãos não devam fazer diferença neste mundo.

Com isso em mente, voltemos um pouco atrás, ao versículo 3.1. Nele fica claro que Cristo (em quem a vida da igreja permanece oculta) vive lá em cima, "onde [...] está assentado à direita de Deus". Naturalmente, Paulo esta falando aqui em termos espaciais, como se houvesse um céu físico. É a maneira de expressar realidades usando uma linguagem própria da natureza humana. O fato de sermos humanos e vivermos no tempo e no espaço sempre nos leva a falar em termos de medidas, distâncias, volume e altura. A fim de compreender verdades espirituais, às vezes as expressamos por meio dessa linguagem. Assim, quando a Bíblia diz, por exemplo, que Cristo está assentado nas alturas, à direita de Deus, não quer dizer que o Pai tenha um trono em algum lugar físico no universo, onde ele fique, em termos de espaço e volume concreto, assentado. Mas é, isto sim, uma

maneira de dizer que Cristo está no trono do universo com Deus, que ele governa todas as coisas. Jesus está em todo lugar, mas, como a linguagem humana é imperfeita para expressar as realidades divinas, o ser humano limitado precisa lançar mão de artifícios como esse para expressar essa verdade.

Prosseguindo, Paulo faz o contraste entre as coisas de cima e as da terra (3.2). Estas últimas estão relacionadas a regras, pecados, aos ensinos daquela seita e aos interesses terrenos. Só que o interesse do cristão está, na verdade, nas coisas de cima, porque é lá que Cristo está. É lá "em cima" que Jesus — a nossa vida — fica assentado à direita do Pai e onde estamos unidos a ele em sua morte e ressurreição. Portanto, o foco da vida do crente tem de ser sempre essa realidade que a Bíblia chama de "as coisas de cima".

O pensamento do cristão tem de ser sempre dirigido às coisas de cima. E é isso que faz a diferença entre o crente e o descrente. O que não quer dizer que os filhos de Deus vão se esquecer de que estão no mundo. Paulo está bem consciente disso, pelas próprias orientações que ele dá mais à frente no texto. No entanto, o foco, o pensamento e o coração do cristão têm de estar voltados para as coisas de cima. O apóstolo reflete aqui o que Jesus disse:

> *Não ajunteis tesouros na terra, onde traça e ferrugem os consomem, e os ladrões invadem e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem traça nem ferrugem os consomem, e os ladrões não invadem nem roubam.*
>
> *Porque onde estiver teu tesouro, aí estará também teu coração (Mt 6.19-21).*

Paulo, portanto, não está dizendo nada novo ao orientar o pensamento cristão para o alto. Ele apenas segue o ensino de Cristo: estamos no mundo, mas o foco referencial de nossa vida é Jesus, que está assentado à direita de Deus — de onde domina todas as coisas.

A consciência dessa realidade se reverte em prática mediante um exercício constante, uma disciplina perene de olhar para as decisões e escolhas que cada um de nós faz a partir da perspectiva da

eternidade. Devemos sempre olhar e discernir todas as coisas a partir dos referenciais de Deus, revelados em Cristo Jesus, e nunca deixar de nos perguntar: *O que Cristo quer que eu faça nessa situação? Qual caminho devo seguir a respeito dessa questão específica? Isso agrada a Deus?* Em resumo, significa viver levando Deus em conta em tudo que acontece e considerar sua vontade em todas as decisões.

Nossa mente deve estar focada nas coisas de cima. É preciso sempre perguntar se nossa vida tem sido assim. O que guia meus passos? O que controla a minha existência? Qual é meu ponto de referência? São as coisas de cima ou as deste mundo? Será que estou tão envolvido com as coisas desta vida — o que inclui também preocupações legítimas, como trabalhar, estudar, criar filhos e agradar o cônjuge — a ponto de Cristo se tornar uma nota de rodapé em minha vida? Jesus só aparece aos domingos, na igreja, ou está presente em cada segundo de minha rotina diária? Paulo afirma aqui que o ideal cristão é uma vida consagrada, dedicada e focada na pessoa de Cristo e nas coisas de cima.

Implicações práticas da união com Cristo (3.5-11)

Uma vez que o cristão tem pleno entendimento de que seu foco precisa estar nas coisas de cima, ele precisa prosseguir nas implicações práticas de sua união com Jesus. Pois simplesmente se conscientizar dessa realidade, sem que isso gere consequências práticas em sua vida, não cumpre a vontade ou o propósito de Deus para sua igreja. A compreensão da sua união com o Senhor, exaltado em sua morte, tem de levar cada crente a fazer morrer sua natureza terrena:

> *Pensai nas coisas de cima e não nas que são da terra; pois morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.*
>
> *Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, também vos manifestareis com ele em glória.*

Portanto, eliminai vossas inclinações carnais: prostituição, impureza, paixão, desejo mau e avareza, que é idolatria; é por causa dessas coisas que a ira de Deus sobrevém aos desobedientes.

Nelas também andastes no passado, quando ainda vivíeis nessas coisas; mas, agora, livrai-vos de tudo isto: raiva, ódio, maldade, difamação, palavras indecentes do falar.

Não mintais aos outros, pois já vos despistes do velho homem com suas ações, e vos revestistes do novo homem, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou;

Nesse caso, não há mais grego nem judeu, nem circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou homem livre, mas, sim, Cristo, que é tudo em todos (3.2-11).

O "portanto" que inicia 3.5 indica que as orientações práticas que se seguem são decorrência do que foi dito antes por Paulo aos colossenses. Ou seja, a conclusão inevitável do fato de que eles morreram com Cristo (3.3) é que eles devem agora eliminar na prática suas inclinações carnais (3.5). A tradução "eliminar as inclinações carnais" está correta, mas deixa o leitor desapercebido de que há, no original grego, um jogo de Paulo com palavras do mesmo campo semântico. Em 3.3 ele diz "vocês morreram" (*apethanete*) e, em 3.5, diz "façam morrer" (*nekrosate*). Essa observação é importante para que se perceba a relação entre o indicativo e o imperativo. O imperativo "façam morrer as inclinações carnais" se apoia no fato consumado (indicativo) de que já morremos com Cristo para essas inclinações.

Para que possamos obedecer a essa determinação de eliminar as inclinações carnais, é preciso definir exatamente o que são elas. Embora o foco do cristão esteja no céu, sua natureza carrega fragilidade e, particularmente, corrupção. Assim, todo e qualquer ser humano tem inclinação para o mal, pois essa natureza foi herdada de Adão e Eva. É o pecado que habita em cada um, a depravação do coração e da mente, que afeta escolhas, decisões, pensamentos, afeições e vontades. A Palavra de Deus ensina que o homem é totalmente maculado pelo pecado, em todas as dimensões do seu ser. Compreendemos melhor essa natureza terrena por meio de seus efeitos. Paulo nos dá uma lista de cinco efeitos da ação dessas inclinações carnais em 3.5:

a. Prostituição
b. Impureza
c. Paixão
d. Desejo mau
e. Avareza

Prostituição, impureza e paixão (3.5)

Nossa natureza terrena nos leva em primeiro lugar à prostituição, pecado de natureza sexual. A palavra usada aqui para prostituição é *porneian*, cujo sentido é muito amplo e pode se referir a todo pecado de natureza sexual. Na verdade, as palavras no grego para impureza, prostituição e paixão são muito parecidas e parecem indicar todo tipo de desejos e paixões da nossa natureza terrena que vão na direção da sexualidade.

Paulo não está dizendo que o sexo em si seja errado. Deus criou os seres humanos sexuados. Portanto, a sexualidade é uma bênção. Mas o próprio Senhor estabeleceu limites para a prática do sexo. Ele disse com quem, em que condições e quando o desejo sexual pode ser satisfeito. A sexualidade é uma bênção quando desfrutada com o cônjuge. Fora disso se encaixa em uma dessas categorias: prostituição, impureza ou paixão. Aqui também estão incluídos pecados como adultério, fornicação, práticas homossexuais, enfim, toda prática sexual fora do casamento heterossexual.

A natureza terrena quer essas coisas. Existe uma definição para *pecado* que se aplica bem nessa questão: *pecado é você querer ter agora e da sua maneira aquilo que Deus lhe daria no tempo certo e com a pessoa certa*. Pecar é fazer sexo com a namorada quando, se tivesse esperado, faria sexo com a esposa, dentro do contexto do matrimônio, que é a coisa certa. E é isso o que a natureza terrena faz: ela deseja se satisfazer à sua maneira.

Desejo mau

O desejo mau pode ser traduzido por cobiça maligna, porque não procede de Deus. É o desejo de ter aquilo que não lhe pertence e que, para obter, você é até capaz de recorrer ao mal. Esse é o desejo mau, desejo que, para se satisfazer, é capaz de passar por cima de outras pessoas.

Avareza

Avareza é o amor pelo dinheiro, que Paulo também chama de "idolatria". É interessante notar o contraste estabelecido aqui: a natureza terrena tem um deus na terra — o dinheiro — mas o crente tem um Deus no céu — Jesus. O apóstolo determina que o cristão busque as coisas de cima, mas o crente avarento, que ama o dinheiro, idolatra um deus deste mundo.

Assim, a natureza terrena é diametralmente oposta ao que Paulo diz nos primeiros quatros versículos desse capítulo. Ela se centraliza no *eu*, naquilo que *eu quero*, que *eu desejo,* que *eu almejo*, nas *minhas paixões* e *vontades*. E, assim, um deus feito à semelhança do homem, que é a avareza, também é idolatria.

Permita-me retornar aqui um ponto já discutido antes. Quando Paulo diz: "Portanto, eliminai vossas inclinações carnais", parece haver uma contradição, uma vez que no versículo 3 ele disse "pois morrestes". Afinal, se o cristão já morreu, como vai fazer morrer ou eliminar essas inclinações? Vemos aqui o que os estudiosos do Novo Testamento chamam de dinâmica da *ética paulina*.

Segundo esses acadêmicos, a exposição moral de Paulo consiste em imperativos baseados no indicativo, conforme já notamos antes. O indicativo é o modo verbal no grego em que a pessoa faz declarações como, por exemplo, "pois morrestes". Com base nessas declarações, Paulo traz o imperativo: "Portanto, eliminai". Ou seja, é como se dissesse: "vocês já morreram, portanto, eliminem ou façam morrer essas inclinações". Isso se encontra constantemente nas epístolas

paulinas. O apóstolo apresenta imperativos éticos da vida cristã com base em indicativos que declaram fatos ocorridos em Cristo.

Nesse aspecto, o cristianismo é totalmente diferente das outras religiões, porque nelas o imperativo vem primeiro: "Faça isso e será salvo". No cristianismo é diferente: "Você está salvo, portanto, faça isso". Essa é a diferença essencial entre a *religião da graça*, que é o cristianismo, e as *religiões do mérito,* que são todas as demais crenças humanas não cristãs.

Nessa passagem ocorre mais uma demonstração desse aspecto. Paulo não diz "eliminai vossas inclinações carnais e, então, experimentareis a crucificação com Jesus." Pelo contrário, ele começa afirmando: "Já fostes crucificados com Cristo, já morrestes com Cristo, portanto, em decorrência disso, eliminai vossas inclinações carnais. Digam não à prostituição, à impureza, à paixão, ao desejo mau e à avareza — que é idolatria —, rejeitem todos esses pecados".

A base para conseguir realizar isso não é a força de vontade e a determinação do próprio cristão, mas sua união com Cristo. Paulo infere: "Já morrestes; então, com base nisso, nessa confissão, tomai posse pela fé". É legítimo um cristão dizer que *toma posse* de algo, desde que isso seja um indicativo bíblico. No caso, o indicativo é "morrestes". É algo que Deus já fez pelo homem, por isso podemos tomar posse dessa verdade. Nisso reside a verdadeira força da vida cristã, a sua dinâmica: a união com Cristo é a base para seus seguidores mortificarem sua velha natureza.

É diferente do legalismo e do ascetismo que o apóstolo combate na heresia de Colossos, porque a ética cristã, a maneira de viver do cristão, tem origem, força e eficácia a partir da união com Cristo.

Paulo dá, em seguida, duas razões adicionais para que o cristão faça morrer as inclinações carnais de sua natureza terrena: porque a ira de Deus recai sobre os desobedientes e porque o pecado faz parte do passado.

A ira de Deus recai sobre os desobedientes (3.6)

A primeira razão que Paulo dá a seus leitores para que mortifiquem a prostituição, a impureza, a paixão, o desejo mau e a avareza é o fato de que Deus se ira contra quem comete esses pecados, como diz Cl 3.6, "é por causa dessas coisas que a ira de Deus sobrevém aos desobedientes".

Alguém já disse que pregar sobre o inferno não é um caminho muito bom para levar pecadores ao arrependimento, porque, nesse caso, as pessoas se converteriam por medo da perdição eterna. Pessoalmente, entendo que é preferível que seja assim ao fato de o indivíduo não se converter de maneira nenhuma. Se alguém se converter porque tem medo de ir para o inferno, isso é ótimo; mas se a conversão ocorrer por amor a Jesus, é melhor ainda.

Não faz mal ao crente se assustar com a realidade da justiça divina, porque é isso que Paulo faz nesse trecho ao ressaltar a necessidade de mortificar a natureza terrena. Ele diz expressamente que, se isso não for feito, o indivíduo vai enfrentar a ira de Deus. Essa ira não pode ser comparada à raiva dos homens; é, na verdade, a justa reação da sua natureza contra a desobediência e a impenitência dos pecadores. A ira divina recai sobre os filhos da desobediência, sobre a humanidade descendente do primeiro casal. A desobediência de Adão e Eva fez com que todos venham ao mundo já nessa condição: desobedientes e dignos da ira de Deus. Todavia, quando o Senhor castigar a humanidade, será não somente devido ao pecado original — esse cometido por Adão e Eva com consequências para seus descendentes — , mas também porque os filhos de Adão e Eva praticam, eles mesmos, prostituição, impureza, paixão, desejo mau e avareza.

Assim, Paulo exorta seus leitores a eliminar suas inclinações carnais porque, do contrário, serão incluídos entre os que sofrerão a ira de Deus. Pois aqueles que viverem como filhos da desobediência receberão o castigo dos filhos da desobediência.

O pecado faz parte do passado (3.7-11)

A segunda razão para o cristão mortificar as inclinações carnais de sua natureza terrena é porque tais práticas pecaminosas fazem parte do passado: "Nelas também andastes no passado, quando ainda vivíeis nessas coisas" (3.7). Ou seja, aquele estilo desobediente de vida dos crentes colossenses é coisa da época em que eles não conheciam a Cristo, não tinham noção da verdade e viviam como pagãos. Mas, agora que foram iluminados e estão unidos a Jesus, não devem voltar às coisas antigas. Quando o Senhor estendeu sua graça salvífica ao pecador, uma nova fase, uma nova vida se iniciou. Voltar às práticas de outrora se tornou fora de questão, parte do passado. Portanto, é importante eliminar nossas inclinações carnais.

O que é dito nos versículos seguintes pode ser mais bem compreendido se explicarmos a metáfora usada por Paulo. Ele afirma o mesmo que disse anteriormente (3.5) só que usa outra imagem, o ato de trocar de roupa (3.8-10). É de conhecimento geral a agradável sensação de se chegar em casa cansado, depois de um dia de trabalho, tirar a roupa usada, tomar um banho e pôr uma roupa limpa. É essa metáfora do despir-se das roupas usadas, sujas e suadas e revestir-se de uma roupa nova, limpa e cheirosa que Paulo usa nesse trecho, para explicar como funciona no dia a dia a ética cristã, o viver como cristão.

Nesse sentido, é importante prestar atenção quando ele diz a seus leitores: "já vos despistes" e, em seguida, faz alusão a se *revestir,* que quer dizer vestir algo como quem veste uma peça de roupa. O versículo 3.8 faz um contraste com o versículo anterior. Paulo diz a seus destinatários que eles antes viviam de determinada maneira, mas, após a conversão, é preciso que se livrem de uma série de práticas pecaminosas, manifestações das inclinações carnais da natureza terrena que caracterizam aquela maneira anterior de viver:

a. Raiva
b. Ódio

c. Maldade
d. Difamação
e. Palavras indecentes do falar

Paulo disse que o cristão deve se mortificar no que tange a essas práticas; agora, ele explica que isso se faz como quem tira uma roupa usada e suja e a substitui por outra limpa. A base para isso ele informa mais adiante.

No versículo 9, o apóstolo exorta: "não mintais aos outros". Por quê? Novamente ele usa o indicativo: "pois já vos despistes do velho homem com suas ações" (3.9). O *velho homem* é aquele que possui as mesmas inclinações carnais às quais ele se referiu anteriormente. É chamado de *velho homem* por ser essa a natureza que as pessoas herdaram do homem mais velho de todos — Adão, o primeiro a ser criado — uma vez que a natureza de Adão reside em cada ser humano. Somos filhos dele, temos sua natureza, Adão está em todos nós. Só que, na cruz, os cristãos se despiram dessa natureza. É o mesmo que dizer que, na cruz, morremos para nossa natureza pecaminosa. Os crentes se despiram de Adão na cruz. Então, da mesma forma que Paulo disse "morrestes [...] Portanto, eliminai vossas inclinações carnais", agora ele diz "livrai-vos de tudo isso, [...] pois já vos despistes do velho homem com suas ações". Mais uma vez o indicativo serve de base para o imperativo.

Entre os versículos 10 e 17 é possível ver um lado positivo da questão. Tudo agora está relacionado ao revestir-se. Se Adão é o velho homem, o novo homem é Cristo. Na morte de Jesus, o cristão se despe de Adão e, na ressurreição de Cristo, ele se reveste do Senhor. Esse é um ato divino que aconteceu na cruz e na ressurreição de Cristo, há dois mil anos, e que nos ocorre na experiência presente da conversão.

Paulo afirma que esse novo homem, essa nova natureza que recebemos na conversão, se refaz — num processo constante de renovação para o pleno conhecimento — segundo a imagem daquele

que o criou. A palavra *imagem* já apareceu anteriormente nessa epístola pelo menos duas vezes, quando o autor diz que Cristo é a imagem do Deus invisível. Em linhas gerais, o que o apóstolo está explicando agora é que, com Jesus na vida do cristão, há uma renovação diária e constante, para que o salvo cada vez mais reflita a imagem daquele que criou o novo homem. É como se dissesse que Deus recria o cristão segundo a imagem de Jesus e que continua a renová-lo diariamente segundo essa imagem.

Como essa experiência é comum a todos os cristãos, Paulo acrescenta: "não há mais grego nem judeu, nem circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou homem livre, mas, sim, Cristo, que é tudo em todos" (3.11). É possível que essa seja uma crítica de Paulo ao caráter esotérico daqueles hereges de Colossos, que atribuíam somente aos privilegiados a possibilidade de fazer parte da nova humanidade e chegar a Deus.

O apóstolo ressalta neste trecho que, na nova humanidade criada por Deus à semelhança de Cristo, não há diferença alguma, todos são iguais. As diferenças mencionadas por Paulo são, primeiramente, de raça (*grego* e *judeu*) e de religião (*circuncisão* e *incircuncisão*). *Bárbaro* e *cita* possivelmente tenham a ver com conhecimento, porque o *bárbaro* era considerado uma pessoa ignorante e o *cita* deve se referir a uma categoria de sábio (não se sabe ao certo que grupo seria esse). Já *escravo* e *homem livre* referem-se à condição social: o *escravo* era um ser humano que não era considerado uma pessoa, mas sim propriedade de alguém, sem direito de ir e vir; o *homem livre* era alguém que, na verdade, até poderia possuir escravos, visto que não vivia na escravidão.

Todas essas diferenças — raciais, sociais, econômicas e intelectuais — são abolidas na nova humanidade: o evangelho é para todas as pessoas, sem qualquer distinção. A igreja deve refletir essa unidade na diversidade.

Em seguida, Paulo faz a aplicação dessa verdade. Os cristãos se revestiram do novo homem (3.10) pela ação de Deus. Agora precisam se apropriar disso na prática, tomar posse desse fato: o Senhor lhes deu uma nova natureza e eles foram refeitos em Cristo. Crer nisso lhes dará forças para fazer o que é certo. Assim, o cristão precisa pôr em prática sete pontos:

Emoções santas (3.12)

> *Então, como santos e amados eleitos de Deus, revesti-vos de um coração cheio de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência...*

Paulo afirma que é preciso que os eleitos se revistam de um coração cheio de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência — uma lista de cinco elementos opostos aos das duas listas que ele mencionou anteriormente (3.5,8). O contraste que ele faz aqui é claro. Se, por um prisma negativo, importa eliminar as inclinações carnais expostas nas duas listas antes citadas, por um prisma positivo é necessário se revestir desses cinco virtudes, que são emoções santas, atitudes ternas que convêm aos santos.

As duas coisas andam juntas: a vida cristã é, por um lado, despir-se da natureza terrena, dizer *não* ao pecado; por outro lado, é positivamente se revestir das virtudes cristãs. É uma sequência: dizer *não* ao pecado e *sim* pra Cristo. Se o cristão só diz *não* para o pecado, vira um legalista; se só diz *sim* para as virtudes e não mortifica as inclinações carnais, surge um cristianismo festivo, superficial, no qual não há arrependimento, quebrantamento, santificação nem mudança de vida.

Uma paciência que perdoa e suporta (3.13)

> *[...] suportando e perdoando uns aos outros; se alguém tiver alguma queixa contra o outro, assim como o Senhor vos perdoou, também perdoai.*

Paulo prossegue mencionando uma paciência que perdoa e suporta. Mais uma vez é possível ver o imperativo baseado no indicativo: "assim como o Senhor vos perdoou, também perdoai". É importante observar que ele não está falando da sequência contrária, perdoar para ser perdoado por Deus, mas sim afirmando que é com base no fato de que o Senhor os perdoou que os crentes devem perdoar e suportar uns aos outros.

O fato de que é preciso buscar as coisas de cima não significa que o cristão possa ignorar que ainda está vivendo neste mundo, com pessoas pecadoras. Quando Paulo diz "Pensai nas coisas de cima", pode parecer que está propondo ao crente que se torne alguém que vive alienado, com a cabeça nas nuvens. Pelo contrário, a proposta paulina é fincar bem os pés no chão. A vida dos cristãos está escondida com Cristo em Deus, mas isso não significa que neste mundo não tenham de conviver com as pessoas, lidar com elas, resolver problemas de relacionamentos, trabalhar junto, relacionar-se com elas, casar, criar filhos, ter um trabalho, estar em uma classe de universidade ao lado de outros indivíduos. O cristão é, na verdade, cidadão de dois mundos: é cidadão do reino de Deus — na sua plenitude, na sua graça, no seu poder — e cidadão desta terra, onde sua natureza terrena encontra inúmeros atrativos e onde o que deseja de fato é se satisfazer. Portanto, o fato de que a esperança do crente está nos céus não quer dizer que ele deva negligenciar a vida na terra.

Nesse aspecto, Paulo é bem "mundano". A espiritualidade paulina é "mundana", no sentido de que ele não recomenda para os irmãos que fujam do mundo e se refugiem no deserto. Pelo contrário, o apóstolo explica que o crente vive no mundo, está no mundo, embora não seja deste mundo — como Jesus disse. Ele pressupõe que, mesmo na comunhão, haverá um irmão que nos chateia, outro que erra, um terceiro que nos aborrece, e assim por diante. Por isso é necessário perdoar, ter humildade e mansidão, pois vivemos inseridos nessa realidade.

É evidente, portanto, que a vida cristã é bem prática. Dessa forma, a acusação de que o cristianismo deixa as pessoas alienadas não é verdadeira. É fato que há setores da cristandade que se alienam do mundo e acabam acarretando má fama aos cristãos como um todo. Contudo, o cristianismo bíblico não tem nada a ver com alienação. Pelo contrário, a fé cristã nos envia para o mundo, para vivermos nele a vida de Cristo — embora o pensamento da igreja sempre esteja nas coisas de cima, onde Cristo vive assentado à direita de Deus.

Amor (3.14)

E, acima de tudo, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição.

Em seguida, Paulo menciona o amor. Notemos que ele coloca a atitude de revestir-se do amor por parte dos crentes como algo a ser feito "acima de tudo," isto é, com prioridade e precedência. A razão é simples. Para o apóstolo, o amor "é o vínculo da perfeição". "Vínculo" é uma palavra que aparece diversas vezes no Novo Testamento, sempre no sentido de laço, ligamento, atadura. Paulo a emprega em Efésios, quando diz que a paz é o vínculo que sustenta e mantém a unidade que procede do Espírito (Ef 4.3). Já em Colossenses 3.14, ele nos ensina que a perfeição tão desejada pelos colossenses, que era prometida pelos falsos mestres em bases igualmente falsas, só seria obtida e mantida mediante o amor cristão mútuo. O amor funcionaria como uma espécie de argamassa que manteria os crentes unidos em Cristo e uns aos outros (cf. expressão semelhante em Col 2.2). Paulo exorta-os a que se revistam do amor por esse motivo.

Note mais uma vez a relação entre o indicativo e o imperativo. Paulo declara que os crentes já se revestiram de Cristo, o novo homem (3.10), mas no dia a dia ainda têm de se revestir de tudo aquilo que decorre dessa união com o Senhor exaltado. Portanto, o imperativo "revesti-vos" (usado em 3.14) repousa sobre o indicativo "vos revestistes" (usado em 3.10), que lhe dá a base e a legitimidade.

A paz de Cristo (3.15)

A paz de Cristo, para a qual também fostes chamados em um só corpo, domine em vossos corações, e sede agradecidos.

Paulo expressa, então, sua expectativa de que a paz de Cristo domine nos corações de seus leitores. Ele provavelmente tem em mente aquela promessa de Jesus a seus discípulos: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou" (Jo 14.27). Muito embora tenha sido uma promessa do Senhor, está implícito na exortação de Paulo que é necessário que os cristãos se submetam ao domínio dessa paz em seus corações.

A paz de Cristo não é algo que nos ocorre de maneira automática — é preciso um esforço determinado para que ela ganhe a supremacia em nosso interior. A razão que Paulo oferece a seus leitores é que eles foram "chamados em um só corpo" para essa paz. Isto é, o soberano chamado de Deus na eleição foi para que seu povo, como um corpo único e unido, experimentasse aqui e eternamente a paz que provém de Cristo, em decorrência do que ele realizou na cruz e na ressurreição.

Embora a paz de Cristo seja um sentimento, ela se baseia na paz com Deus que Cristo proporcionou, ao pagar nossa culpa e derrubar a inimizade entre nós e Deus. Estamos reconciliados — em paz — com Deus, mas nem sempre isso significa que nossos corações estejam experimentando paz. Deus deseja que experimentemos não só individualmente essa tranquilidade no coração, mas também em nosso relacionamento uns com os outros, como corpo.

A gratidão (3.15)

Na sequência, o apóstolo determina: "sede agradecidos". E razões para isso não lhes faltavam! A mais imediata era o chamamento de Deus que Paulo acabara de mencionar. Se os crentes de Colossos fossem gratos a Deus pela salvação graciosa, oferecida e recebida em Cristo,

pelo Espírito, ficariam menos vulneráveis às ofertas de perfeição e glória feitas pelos falsos mestres. Note que essa determinação de Paulo está num tempo verbal da língua grega (presente do imperativo) que sugere uma ação continuada, uma obrigação constante. “Sede sempre agradecidos”.

Também é importante destacar a estreita ligação entre um espírito agradecido e o amor (3.14) e a paz (3.15) que Paulo determina à igreja. Crentes ingratos, amargurados, que reclamam de tudo, para quem nada está bom ou certo são um verdadeiro empecilho ao amor e a paz que devem reinar nos corações e na igreja de Cristo. Pessoas assim geram insatisfação, críticas e divisões. A gratidão a Deus prepara o caminho para que o amor e a paz reinem.

A palavra de Cristo habitando em nós (3.16)

A expressão *palavra de Cristo* pode significar tanto o que Cristo falou quanto a palavra a respeito dele. Não dá para saber a partir do original em grego; portanto, pode parecer que há aqui certa ambiguidade. Pode ser uma coisa ou outra. Ou ambas. Se for a palavra sobre Cristo, é o evangelho que Paulo pregou que deve habitar ricamente na igreja; se for a palavra que Cristo pregou, o sentido acaba sendo o mesmo, pois o evangelho de Cristo é o mesmo evangelho que seu apóstolo pregou. Assim, seja qual for a razão ou a interpretação, um ponto permanece: é fundamental deixar que a palavra de Cristo ou a palavra sobre Cristo habite plenamente em nossos corações.

Comunhão (3.16)

> *A palavra de Cristo habite ricamente em vós, em toda a sabedoria; ensinai e aconselhai uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão no coração.*

A palavra de Cristo habita ricamente no coração do cristão quando ele, junto com seus irmãos, é edificado, edifica, louva a Deus com

cânticos espirituais. No contexto, cânticos espirituais são salmos, hinos e cânticos alinhados com a palavra de Cristo. Por isso é importante que a letra das músicas que cantamos no ambiente eclesiástico seja baseada na Palavra. Atualmente há cânticos com letras pueris e até mesmo heréticas, espiritualmente nocivas, centralizadas no homem, com declarações repetitivas e muitos outros problemas. O que de fato edifica a igreja é quando se canta a Palavra de Deus ou cânticos que reflitam a palavra de Jesus. É nesse contexto que nos instruímos, nos edificamos e nos aconselhamos pela Palavra e pelos cânticos — usando a música como instrumento para edificação do Corpo. É dessa forma que a palavra de Cristo habita ricamente em nós.

* * *

Para finalizar, podemos dizer que o resumo de toda essa seção encontra-se no versículo 17: "E tudo quanto fizerdes, quer por palavras, quer por ações, fazei em nome do Senhor Jesus, dando graças por ele a Deus Pai". "Tudo" inclui aquilo que dizemos e fazemos. Embora Paulo não tenha mencionado, inclui também o que pensamos e cogitamos. Ou seja, a totalidade da nossa atividade neste mundo. Fazer todas essas coisas em nome do Senhor Jesus significa invocar o nome dele e buscar dele a direção e as forças necessárias para tarefa tão elevada. O resultado é que faremos somente aquilo para o qual podemos invocar o nome de Jesus. Ficam excluídas todas as obras da carne, pois desonram o nome do Senhor.

O dar graças a Deus por Cristo é maneira de expressarmos nossa dependência de Deus e o reconhecimento de que tudo que porventura fizemos é somente pela graça dele. Tal atitude de constante gratidão é a maior e melhor expressão da verdadeira fé em Cristo.

Conclusão e aplicação de Colossenses 3.1-17

Nesta seção de Colossenses aprendemos que Paulo rejeita o legalismo dos falsos mestres, o misticismo e o rigor ascético que eles pregavam. Isso não quer dizer, porém, que na prática os cristãos não devam viver com determinadas normas e regras. O fato de Paulo ter ensinado que a Lei foi cravada na cruz não significa que o crente não tenha Lei. O que foi cravado na cruz foi a Lei enquanto condenação dos pecados, enquanto "escrita de dívida"; no entanto, ela permanece como uma norma de gratidão.

O crente pode manifestar gratidão a Deus por sua salvação graciosa cumprindo o que Deus estabeleceu em Êxodo 20.3-17 — os Dez Mandamentos. Essa obediência à Lei de Deus decorre da gratidão do salvo, e não de sua vã pretensão arrogante de obter a justificação por meio da obediência. O poder para andar de acordo com a Lei vem da união com Cristo. Ele não somente cumpre as exigências da Lei na cruz, mas introduz no crente um principio vital poderoso de união com sua pessoa: o poder da ressurreição, pelo qual podemos viver uma vida santa e agradar a Deus. O que são compaixão, bondade, humildade, mansidão, longanimidade, paciência, perdão e amor senão atos de obediência à vontade divina revelada na sua Palavra, na sua Lei?

O cristão está debaixo de lei, não para justificação, não para ser salvo, não como caminho para Deus, mas como norma de gratidão. É isso que faz o cristianismo diferente de todas as outras religiões.

Outra lição que essa passagem da Bíblia ensina é que a união da igreja com Cristo é a única base de onde provém o poder necessário para que os cristãos vençam a natureza pecaminosa. A natureza terrena é inclinada para o mal e nos leva a cometer todos os pecados discriminados nas duas listas apresentadas por Paulo, que estudamos nos versículos anteriores. Seria possível ainda multiplicar essas listas — inclusive incorporando a elas outras que constam no Novo Testamento. Essa natureza pecaminosa exerce um poder muito grande, tentando arrastar o cristão para males como prostituição, lascívia, desejo mau, maledicência, idolatria, ira, indignação e cobiça.

São, enfim, todas as emoções e os pensamentos que infestam a nossa mente e o nosso coração. Como vencer isso? Essa é a luta de todo cristão. O caminho errado é tentar vencer por suas próprias forças, criando regras, impondo-se uma autodisciplina, estabelecendo limites, tomando determinações e fazendo propósitos — como os falsos mestres queriam que os crentes de Colossos fizessem pela guarda legalista das leis judaicas e pela prática ascética.

Quando chega o ano-novo, o cristão faz promessas para o ano que se inicia, mas em fevereiro já pode ver que todas elas foram quebradas. Isso ocorre porque o ser humano não consegue por si mesmo vencer o poder do pecado e perseverar sempre em fazer o bem. O evangelho consiste nisso: Deus tomou nossa natureza pecaminosa e a crucificou com Cristo. Ali ela foi derrotada, no sentido de poder ser vencida na prática. Na cruz os salvos foram despidos dessa velha natureza. O que Deus quer é que, diariamente, seus filhos busquem as coisas de cima, a comunhão com Cristo — seja estudando a sua Palavra ou orando em comunhão com ele. É preciso tomar posse dessa verdade, dos indicativos de Deus, pois é algo que já está feito, já foi realizado. Por isso Cristo bradou na cruz: "Está consumado" (Jo 19.30). Portanto, podemos tomar posse disso pela fé em nosso dia a dia.

Mas como funciona na prática? É importante lembrar que não se trata de algo que se faça de uma vez para sempre; todo dia é importante tomar posse dessa realidade. O cristão vai passar a vida inteira buscando as coisas de cima, onde Cristo vive assentado à direita do Pai, porque sua vida está nele. Portanto, somente em comunhão com Jesus, ele poderá se despir de sua velha natureza e se revestir do novo homem todo dia. Para tanto, precisa de tempo para orar, ler a Bíblia, estar com os irmãos em instrução mútua, para louvar a Deus. Isso é o que há de mais importante na vida do crente.

É relativamente fácil encontrar cristãos que vivem uma existência subcristã, derrotados pelo pecado, como se a natureza pecaminosa tivesse domínio e poder sobre eles. Isso ocorre por não estarem

buscando as coisas de cima. Frequentemente a desculpa é a falta de tempo. Na verdade, muitos destes encontram tempo para tudo, menos para buscar as coisas de Deus, em oração e comunhão.

Se você for casado, pode colocar em prática essas disciplinas com sua esposa e filhos. Se o seu cônjuge não for cristão, faça sozinho. Procure o máximo possível estar com os irmãos para estudar a Palavra e orar. Pois, ao buscar as coisas de cima, você encontrará poder para se despir da velha natureza e se revestir do novo homem. E, assim, glorificar a Deus neste mundo.

CAPÍTULO 4

A FÉ POSTA EM PRÁTICA

Colossenses 3.18—4.18

Nesta última seção de Colossenses, Paulo continua suas orientações práticas para a igreja. Com foco em Jesus, o apóstolo torna as orientações mais detalhadas, em especial sobre os deveres que os crentes devem cumprir neste mundo.

Primeiro ele fala dos deveres familiares (3.18-21). Em seguida, trata dos deveres sociais dos cristãos (3.22—4.1). O apóstolo prossegue abordando a questão dos deveres eclesiásticos (4.2-6). A epístola termina com orientações pessoais em referência a obreiros que estavam com Paulo, o qual deseja que a graça de Deus seja com todos aqueles irmãos.

Esse trecho da epístola parece fazer parte de uma espécie de catecismo prático que era usado nas igrejas. É possível encontrar uma lista semelhante em Efésios 5.3—6.9, por exemplo. Talvez essa fosse uma cartilha utilizada pelos cristãos, que continha os deveres que deveriam praticar em sociedade. É muito relevante o fato de que, desde cedo, aos cristãos tenham sido atribuídos deveres e responsabilidades neste mundo. Cristianismo na igreja primitiva não era só aceitar determinadas doutrinas pregadas pelos apóstolos, mas era também viver segundo as consequências dessas doutrinas. Desse modo, havia deveres relacionados com a família, a sociedade e de uns para com os outros. Não importavam as circunstâncias em que determinada pessoa estivesse, como cristã ela tinha que se comportar de uma maneira já esperada.

A lista de Colossenses está repleta de referências ao Senhor. A palavra *Senhor* aqui aparece seis vezes em nove versículos. É possível

fazer muitas inferências com base nessa estatística. A principal delas é que esses deveres são sempre vistos como parte da devoção ao Senhor. Mais uma vez nos deparamos com o princípio segundo o qual o cristão faz o que faz não por querer chegar ou ganhar a Deus, mas por causa daquilo que o Senhor já fez por ele. Esses deveres os crentes cumprem por causa de Deus, em gratidão a ele e porque vivem diante dele.

Outra inferência possível dessa lista de deveres é a sua amplitude. Não há sequer uma área da vida que esteja fora do controle de Cristo: tudo permanece debaixo do poder dele. Jesus é Senhor na família, no casamento, na criação dos filhos, no trabalho, nos relacionamentos na igreja e em tudo o mais.

Vejamos a seguir, com maior profundidade, cada uma dessas seções.

Os deveres familiares dos cristãos (3.18-21)

Mulheres, cada uma de vós seja submissa ao próprio marido, como convém no Senhor.
Maridos, cada um de vós ame sua mulher e não a trate com aspereza.
Filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isso é agradável ao Senhor.
Pais, não irriteis vossos filhos, para que eles não fiquem desanimados.

Não podemos perder de vista, ao continuarmos essa seção prática da carta, que seu pano de fundo é a ameaça da heresia de Colossos. As instruções que Paulo inicia aqui visavam, entre outras coisas, fortalecer a família e consequentemente as igrejas cristãs. Famílias fortes, unidas e que caminham dentro das orientações do Senhor formam uma barreira contra a penetração de falsos ensinos e de falsos mestres nas igrejas. Muitos que abandonam as igrejas e vão para as seitas ou para o mundo geralmente deixam atrás de si cônjuges e filhos com o coração partido.

Paulo começa falando para as esposas: “Mulheres, cada uma de vós seja submissa ao próprio marido, como convém no Senhor.” Essa é a

primeira ocorrência da palavra *Senhor*. A orientação do apóstolo é para que as esposas compreendam que é próprio de uma serva do Senhor ser submissa ao seu marido porque ele é o cabeça da mulher, por orientação do próprio Deus (1Co 11.3-16; Ef 5.22-24). Assim como o Pai é o cabeça do Filho, o homem é o cabeça da esposa. O que está por trás dessa exortação é o estabelecimento dessas funções diferentes entre os integrantes de uma família.

Quando Paulo diz que a esposa seja submissa ao marido, não significa que ela seja inferior a ele ou que o esposo seja superior a ela. Tanto que o apóstolo já havia dito que na nova humanidade não há essas distinções: "[...] Nesse caso, não há mais grego nem judeu, nem circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou homem livre, mas, sim, Cristo, que é tudo em todos" (3.11). Na epístola aos Gálatas, ele acrescenta a essa lista "não há homem nem mulher" (Gl 3.28). Em Cristo, somos todos iguais. Todavia, no que diz respeito aos deveres sociais e familiares, Deus estabelece funções distintas: no casamento, o papel da esposa é ser submissa ao marido, pois assim convém às mulheres cristãs.

O marido, por sua parte, tem o dever de amar sua esposa. Isso significa cuidar dela, servi-la, dedicar a ela suas atenções. Fazer de tudo para atendê-la, suprir suas necessidades, abençoá-la e fazer com que ela seja feliz. É isso que significa amar. Amar, nesse contexto, não é um mero sentimento, é uma atitude. É por isso que o pressuposto na passagem em questão é a união com Cristo, porque, se não for pelo poder que vem de Jesus, o marido jamais conseguirá cumprir seu papel. O homem é egoísta por natureza, pensa sempre nos seus interesses. Para que possa verdadeiramente amar a esposa, sua capacitação tem de vir de Deus. Somente mediante sua união com Cristo e pelo poder da ressurreição, o marido cumprirá seu papel como deve, da mesma forma que, somente pelo poder de Jesus, a esposa conseguirá ser submissa ao marido.

Quando marido e mulher assumem essas duas posturas, o fardo desses deveres torna-se leve, pois é fácil amar quem se submete e é fácil se submeter a quem nos ama. É importante observar no final do verso 19 a expressão "ame sua mulher e não a trate com aspereza". Infelizmente muitos maridos tratam sua mulher de modo áspero. A esposa não é perfeita, como muitos descobrem depois do casamento e ficam frustrados, indignados, amargurados e a tratam de forma amarga. *Tratar com aspereza* significa tratar mal, ser grosseiro, usar palavras duras, humilhar a esposa, desprezá-la, ignorá-la. O marido não pode deixar que a amargura ganhe espaço em seu coração, pois tal atitude não convém ao Senhor. Amar significa tratá-la como uma pessoa amada, querida, servi-la e viver para fazê-la feliz todos os dias da sua vida.

Observe o caminho que Paulo percorre até chegar à família na epístola aos colossenses. Ele começa lá do alto e desce, até chegar ao lar, ao casamento. O apóstolo mostra como o cristianismo é pratico. Não tem nenhuma área da vida que não esteja debaixo do governo e da soberania de Jesus.

Depois de tratar dos deveres relacionados ao casamento, o autor prossegue até a relação entre filhos e pais: "Filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isso é agradável ao Senhor" (3.20). Essa orientação parece muito genérica e absoluta; todavia, quando comparada a outras partes das Escrituras, permite uma compreensão mais completa. Os filhos devem obedecer aos pais em tudo, mas até o ponto em que estes não os obriguem a pecar contra Cristo. Sempre que uma autoridade superior forçar um cristão a desobedecer a Jesus, ele tem de escolher entre obedecer a homens ou a Deus. Para o crente, a resposta é clara: ele sempre cumprirá a vontade e os mandamentos do Senhor.

Quando Paulo diz que os filhos em tudo têm de obedecer a seus pais, ele está pressupondo que esses pais sejam cristãos e que estejam dando aos filhos orientações corretas. No entanto, o mesmo se aplica

no caso de pais que não são cristãos. Se algum jovem é crente e seus pais não, ainda assim as orientações desses pais são, pela graça comum, justas, boas e corretas. Portanto, tem de haver submissão e respeito ao pai e à mãe, pois isso é agradável ao Senhor.

Essa afirmação acerca da satisfação do Senhor Jesus em ver a obediência dos filhos se dá porque o Senhor também é Filho e, como tal, sempre obedeceu ao Pai — e de forma perfeita. Em Salmos 40.8, vemos o Filho de Deus declarar: "Gosto de fazer a tua vontade, ó meu Deus". Jesus sempre teve prazer em agradar ao Pai, por isso se agrada quando os cristãos também honram a autoridade de seus pais.

Para os pais, a orientação é que não irritem os filhos, para que estes não fiquem desanimados. A palavra *pais* no versículo 21 é diferente da palavra *pais* no versículo 20, em que o vocábulo grego empregado é *goneusin,* que significa pai e mãe. No versículo 21, a palavra usada — *pateres* — é aplicada somente aos homens que são pais. Logo, a responsabilidade da criação dos filhos é atribuída claramente aos homens. Homens cristãos que deixam para a esposa a educação dos filhos cometem uma grave omissão.

Os pais — a referência continua sendo aos homens — também são orientados a não irritar os filhos, o que pode ocorrer se lhes impuserem ordens desnecessárias ou viverem uma vida hipócrita. Os filhos percebem facilmente a hipocrisia e a incoerência em seus pais e desanimam diante da ausência deles, de suas regras absurdas, falta de cuidado, falta de amor. E, com isso, os pais se tornam responsáveis pelo fato de que muitos filhos desanimam do caminho de Deus — e, na primeira oportunidade, alguns desses jovens, infelizmente, abandonam a igreja. Evidentemente, a apostasia de um filho nem sempre é culpa dos pais. Às vezes, mesmo tendo recebido uma criação bíblica e amorosa, ele vai embora e vira as costas para o evangelho. Ainda assim, essa é uma palavra muito direta para os homens que são pais e exige muita humildade de cada um para examinar sua própria vida.

Os deveres sociais dos cristãos (3.22—4.1)

Escravos, obedecei em tudo a vossos senhores deste mundo, não servindo só quando observados, como quem quer agradar os homens, mas de coração íntegro, temendo o Senhor.

E tudo quanto fizerdes, fazei de coração, como se fizésseis ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor a herança como recompensa; servi a Cristo, o Senhor.

Pois quem faz injustiça receberá a paga da injustiça que fez, não importa quem seja.

Senhores, tratai vossos escravos com justiça e imparcialidade, sabendo que também tendes um Senhor no céu.

Igrejas cujos membros são justos, honestos, trabalhadores e comprometidos com o bem comum, por amor ao Senhor, manifestam uma gratidão e alegria de viver que serve de antídoto para falsos ensinos. Os falsos mestres costumam pescar onde existem homens e mulheres insatisfeitos, amargurados, sentindo-se injustiçados e com o coração abrigando a rebelião. Pessoas que servem a Deus com alegria, qualquer que seja a sua vocação e posição na vida e na sociedade, estarão pouco abertas para as tentativas dos falsos mestres de desviá-las da verdade de Deus.

Escravos (3.22-25)

Nesse trecho Paulo começa falando para os escravos (3.22-25). Por que o apóstolo dedica tanto espaço para eles? É interessante notar que ele reserva apenas um versículo para falar às esposas, um para os maridos, um para os filhos e um para os pais. Mas gasta quatro versículos só para os servos.

Há diferentes explicações para isso. A escravidão era bastante comum naquela época. Era uma instituição socialmente aceita em todos os lugares. No primeiro século havia muitos escravos que tinham se tornado cristãos, de forma que boa parte da membresia das igrejas era composta de escravos convertidos. Pela carta que Paulo escreveu a Filemom, ao mesmo tempo em que escreveu esta carta aos colossenses, sabemos que ele manda de volta para casa um escravo fugido chamado Onésimo. Eles haviam se conhecido no cárcere, o

apóstolo o evangelizou e ele se converteu. Paulo, então, lhe diz que precisa retornar para acertar as contas com seu senhor. Ao mesmo tempo, Paulo pede a Filemom, o senhor de Onésimo, em favor do escravo fugido, para que o receba de volta como irmão em Cristo e perdoe toda a dívida que Onésimo havia contraído com seu senhor.

Esse é um pressuposto do cristianismo: o pecador é perdoado, mas precisa pôr sua vida em ordem. Onésimo tinha de voltar para a casa de seu proprietário, sujeitando-se a sofrer as sanções que a lei previa para um escravo fugido: ser morto ou marcado com ferro na testa como forma de identificação. Ainda assim, Paulo diz a Onésimo que ele tem de obedecer à lei — mas manda uma carta instando seu senhor a recebê-lo como um irmão. O escravo tinha fugido de Filemom, um crente que Paulo conhecia havia muito tempo e que provavelmente se convertera por meio do ministério do apóstolo. Nada disso, todavia, isentava Onésimo de arcar com suas responsabilidades sociais.

O Novo Testamento não contesta o sistema de escravidão que permeava tanto a cultura judaica daquela época quanto a greco-romana. As orientações neotestamentárias para os escravos cristãos são sempre de encorajamento, para que exerçam suas obrigações como se estivessem servindo ao próprio Jesus. No entanto, em 1Coríntios 7.21, a recomendação é para que, caso surja uma oportunidade de conseguir a liberdade, ela deve ser aproveitada. Séculos mais tarde, a influência do cristianismo seria uma das forças decisivas para a abolição desse regime de trabalho desumano.

Mas, naquela época, o foco de Paulo e dos outros autores do Novo Testamento não era questionar a instituição da escravidão, mas sim fazer com que os escravos crentes servissem a Cristo mesmo na condição em que viviam. Em outras palavras, ele está dizendo que o cristão pode servir ao Senhor mesmo estando encarcerado, em um subemprego ou em qualquer realidade social em que se encontre. O evangelho alcança as pessoas de qualquer posição ou classe econômica

e lhes diz que podem servir a Deus onde estiverem, da maneira em que se encontrarem — e, naturalmente, transforma esses indivíduos em pessoas melhores, que viverão para a glória de Deus.

Assim, por conta da grande quantidade de escravos que havia naquela época, e, talvez também devido ao caso de Onésimo, Paulo dedica quatro versículos aos escravos. Basicamente ele diz que:

É fundamental obedecer a seu senhor de todo o coração, e não somente quando ele está vigiando. Isso vale em nossos dias, para quem é empregado, pois também deve servir a seu patrão de todo o coração.

O crente precisa ver seu trabalho como algo de caráter espiritual (3.23).

O cristão deve esperar a recompensa que vem do Senhor, pois aqui neste mundo nem sempre a receberá (3.24).

O escravo deve esperar que a justiça seja feita somente no dia do juízo (3.25), pois quem comete injustiça nesta vida será julgado por Deus no dia do juízo.

É dessa maneira que os escravos cristãos deveriam se portar: se tivessem a oportunidade de conseguir a liberdade, deveriam aproveitá-la; se não, que continuassem servindo a Deus da melhor maneira possível.

Senhores (4.1)

Paulo também reserva uma orientação para os senhores: "Senhores, tratai vossos escravos com justiça e imparcialidade, sabendo que também tendes um Senhor no céu" (4.1). Aqueles que estão em posição mais alta hierarquicamente sabem que também têm uma autoridade sobre si, que é o Senhor. À luz do temor que se deve a Deus, eles devem tratar seus empregados com justiça e equidade, sabendo que um dia vão prestar contas disso.

O domínio de Cristo se estende à vida profissional dos cristãos. Paulo vai caminhando ao longo da epístola até chegar à mesa de

trabalho de cada crente, tratando da maneira e da motivação com que desempenham suas tarefas. O cristianismo de fato não é apenas uma filosofia ou um conjunto de doutrina nas quais devemos crer. Ele demanda uma mudança completa de vida, abrange toda a realidade ao nosso redor. Ou o cristão é comprometido com Deus — e isso fará uma tremenda diferença em todas as áreas de sua vida — ou não é. Ser parcialmente cristão é algo que não existe. Biblicamente falando, ou o indivíduo é de Deus ou não é. Ou serve a Cristo de verdade ou é um hipócrita. A vida cristã não admite meios-termos.

Os deveres eclesiásticos dos cristãos (4.2-6)

> *Perseverai na oração, nela permanecendo atentos com ações de graças, ao mesmo tempo orando também por nós, para que Deus nos abra uma porta para a palavra, a fim de anunciarmos o mistério de Cristo, pelo qual também estou preso, para que o revele como devo.*
>
> *Comportai-vos com sabedoria para com os de fora, aproveitando bem cada oportunidade.*
>
> *A vossa palavra seja sempre amável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.*

Chegando ao final de sua carta, Paulo resume os deveres eclesiásticos dos cristãos a dois: orar e evangelizar. Certamente, poderíamos pensar em vários outros deveres, mas esses dois foram mencionados intencionalmente pelo apóstolo, à luz da situação que seus leitores estavam vivendo, sob a ameaça daquela seita gnóstica.

A oração dever ser perseverante, com vigilância e súplica pelos líderes e pelo avanço do reino. É interessante que, nessa carta, por duas vezes Paulo ora pelos colossenses. Mas agora, no final, ele inverte a situação e pede a seus destinatários que orem por ele, pois se encontrava preso e desejava pregar o evangelho. Assim, faz parte do dever cristão orar, perseverar na oração com ações de graça e orar pelos líderes e pregadores. É curioso que Paulo não pede nada à igreja, somente que ore por ele.

O apóstolo repete essa oração no final, quando diz assim: "Lembrai-vos das minhas prisões" (4.18). Essa é a maneira de Paulo dizer: "Estou preso por pregar o evangelho a vocês, orem por mim, não se esqueçam de mim, sempre me mencionem nas suas orações". Ele desejava as orações dos crentes das igrejas de todo o mundo, pois, por meio delas, o pregador era fortalecido, liberto do mal e escapava das tentações. Feliz é o líder que tem uma igreja que ora por ele, que o põe constantemente diante de Deus em oração. Temos de nos perguntar sempre se nossos líderes estão em nossa lista de oração ou se, quando oramos, apenas pedimos o que nos interessa. Será que nos lembramos de orar pelas pessoas que Deus usou para abençoar nossa vida? É o mínimo que se pode fazer por quem nos abençoa. É nosso dever orar e interceder pela liderança.

O segundo dever que Paulo menciona é o de evangelizar, mediante a criação de pontes com os não cristãos: "Comportai-vos com sabedoria para com os de fora, aproveitando bem cada oportunidade" (4.5). O que significa isso? Que é preciso criar pontes, construir relacionamentos. E uma das maneiras mais eficazes, já consagrada pela história da igreja, é o contato individual — o que chamamos de evangelismo pessoal. Fazer cruzadas é interessante, distribuir folhetos e bíblias, falar pela Internet também é bom. Mas nada substitui o contato pessoal.

Algum tempo atrás foi feita uma pesquisa entre os Batistas do Sul (a maior denominação evangélica dos Estados Unidos) acerca de qual foi o método mais eficaz para conduzir pessoas à igreja. Os resultados mostraram que, em primeiro lugar, estava o evangelismo pessoal, também chamado de *evangelismo por amizade*. Por que alguém vai à igreja? Porque algum amigo o leva, porque conhece uma pessoa que o convida.

Se o cristão tem amigos que não são crentes, precisa se portar com sabedoria para com os que são de fora. Precisa criar pontes, fazer contatos. Não quer dizer que é necessário viver como eles vivem,

cometer pecados com eles, mas é possível ter algo em comum e construir relacionamentos saudáveis com pessoas que não são cristãs.

Há cristãos tão legalistas que não têm um único amigo descrente, pois, na verdade, seu comportamento espanta as pessoas. No entanto, o crente tem de ser o perfume de Cristo e construir pontes para aproveitar as oportunidades que surgem para evangelizar. Uma vez que se estabelece o contato, aparecem as oportunidades para proclamar o evangelho. De repente, a pessoa diz que enxerga em você uma pessoa diferente, com valores e princípios — e pede que lhe fale daquilo em que você crê. E aí está a oportunidade que se criou por você ter se portado com sabedoria.

É fundamental usar palavras temperadas com sal (4.6). Deve-se aproveitar a oportunidade e usar palavras na medida certa, agradáveis, pois, respondendo dessa maneira, é muito mais fácil ganhar pessoas para Cristo.

Não podemos esquecer que, entre aqueles que deveriam ser evangelizados pelos colossenses, estavam adeptos da heresia gnóstica. Membros de seitas precisam ouvir o evangelho também. E mais que em outros casos, a palavra a eles dirigida deve ser, de fato, "temperada com sal".

Assim, Paulo menciona só dois deveres eclesiásticos: orar — inclusive pelos líderes — e também construir pontes, estabelecer contato com os que são de fora, aproveitando as oportunidades para conduzir pessoas a Jesus mediante a proclamação do evangelho.

É possível perceber, então, que o cristianismo está muito longe de ser uma crença alienante, algo do outro mundo que nos separa da realidade, dos pecadores que ainda não conhecem Jesus. Pelo contrário, o cristianismo nos envia ao mundo para ser bênção, para construir pontes, ganhar pessoas e conduzi-las, por meio do evangelho, a essa mesma bênção que um dia nos alcançou.

Orientações e saudações (4.7-18)

A epístola termina com orientações pessoais relacionadas a assuntos comuns referentes a Paulo, a igreja de Colossos e a obreiros que estavam com o apóstolo. Ele deseja que a graça de Deus seja com todos aqueles irmãos:

> *Tíquico, irmão amado, fiel ministro e conservo no Senhor, vos informará sobre a minha situação. Eu o estou enviando para isso mesmo, para que saibais como estamos e para que ele conforte o vosso coração.*
>
> *Onésimo, que é um de vós, irmão fiel e amado, irá também. Eles vos informarão de tudo o que acontece aqui.*
>
> *Cumprimentam-vos Aristarco, meu companheiro de prisão, e Marcos, primo de Barnabé (a respeito de quem recebestes instruções; se ele for até vós, recebei-o), e Jesus, chamado Justo. Dentre a circuncisão, são só esses os meus cooperadores no reino de Deus, os quais me têm sido consolo.*
>
> *Cumprimenta-vos Epafras, que é um de vós, servo de Cristo Jesus, que sempre luta por vós em suas orações, para que permaneçais amadurecidos e plenamente seguros em toda a vontade de Deus.*
>
> *Sou testemunha de que ele tem grande cuidado por vós, como também pelos de Laodiceia e de Hierápolis.*
>
> *Lucas, o médico amado, e Demas vos cumprimentam.*
>
> *Cumprimentai os irmãos em Laodiceia, e também Ninfa e a igreja que se reúne em sua casa.*
>
> *Depois de lida entre vós, fazei com que esta carta também seja lida na igreja dos laodicenses; e procurai ler também a carta de Laodiceia.*
>
> *E dizei a Arquipo: Cuida do ministério que recebeste no Senhor, para que o cumpras.*
>
> *Eu, Paulo, cumprimento-vos de próprio punho. Lembrai-vos das minhas prisões. A graça esteja convosco (4.7-18).*

Com relação às cartas que está enviando, Paulo faz recomendações sobre seus portadores, Tíquico e Onésimo (4.7-11). Aqui é possível descobrir certas realidades acerca da situação do apóstolo. Ele tinha ao seu redor obreiros, gente que o assistia e que não estava presa com ele. Um deles é Tíquico, um dos assistentes de Paulo, que recebe altos elogios: irmão amado, fiel ministro e conservo no Senhor (4.7).

É a Tíquico que Paulo confia essa carta, que foi levada a Colossos pelas mãos dele — e não somente essa epístola, mas também outra que escreveu à igreja de Laodiceia (4.16). Tíquico deveria também dar àquelas igrejas informações sobre Paulo e confortar o coração dos

crentes, porque estavam preocupados com a prisão do apóstolo (4.8). É também na companhia de Tíquico que Paulo envia Onésimo — chamado pelo apóstolo de "um de vós, irmão fiel e amado" (4.9). O escravo Onésimo leva ainda uma terceira carta, destinada a seu senhor, Filemom.

Após as instruções, Paulo envia saudações de três irmãos, de origem judaica, que estavam com ele (4.10). Aristarco é o primeiro. Não se sabe muita coisa sobre ele, a não ser que era de Tessalônica e que acompanhava Paulo (At 19.29). O segundo é Marcos, primo de Barnabé. Trata-se do mesmo João Marcos que acompanhou Paulo e Barnabé em uma viagem missionária e voltou atrás em determinado momento. Depois, seu primo quis levá-lo outra vez e Paulo se recusou. Por isso, os companheiros divergiram e Barnabé seguiu em uma direção na companhia de Marcos, enquanto Paulo, em companhia de Timóteo e Tíquico, parte em outra. Ao ler Colossenses, parece que Paulo já tinha se reconciliado com Marcos e manda saudações em nome dele. Provavelmente, trata-se do mesmo Marcos que escreveu o evangelho canônico. O terceiro judeu mencionado por Paulo é Jesus, o justo. O apóstolo diz que esses três eram os últimos da circuncisão que cooperavam com ele. Eram pessoas que ajudavam a aliviar o sofrimento de Paulo no cárcere romano.

Em seguida, o apóstolo menciona três irmãos gentios que estavam também com ele. Epafras era o pastor dessas três igrejas, que tinha ido a Roma e estava com Paulo. O apóstolo relata que Epafras estava ali, mas preocupado com eles, devido à heresia que estava entrando nas igrejas. O segundo é Lucas, o "médico amado", um gentio convertido. É o mesmo que escreveu o livro de Atos e o evangelho que leva seu nome. Esta é a única passagem em que é mencionada a profissão de Lucas (4.14). Por fim, Demas, o discípulo que, mais tarde, abandonaria Paulo e apostataria da fé (2Tm 4.10). Percebe-se, então, que havia todo tipo de gente junto a Paulo.

Em seguida, Paulo saúda a igreja de Laodiceia e menciona uma mulher, chamada Ninfa, em cuja casa a igreja se reunia. Naquele tempo não havia ainda templos onde os cristãos se reuniam para adorar a Deus. Só no século sexto é que os cristãos começaram a construir templos e catedrais. Antes disso, eles se reuniam em casas e outros locais disponíveis. Ninfa deve ter sido uma senhora rica, que tinha uma residência grande, onde os cristãos de Laodiceia se reuniam.

Por fim, aprendemos que as cartas de Paulo eram uma espécie de substituto para sua presença, como fica claro pelo trecho onde ele diz: "Depois de lida entre vós, fazei com que esta carta também seja lida na igreja dos laodicenses; e procurai ler também a carta de Laodiceia" (4.16). Como o apóstolo não podia estar presente, ele escrevia uma epístola que era lida diante da igreja, com a autoridade do apóstolo. Devia ser lida, ouvida, estudada e obedecida. Paulo queria que a carta que escrevera aos Colossenses fosse lida não somente em Colossos, mas também na igreja de Laodiceia, e vice-versa.

Isso mostra que, desde cedo, a palavra escrita começou a substituir a presença pessoal dos apóstolos e também as profecias, visões e revelações. Essas manifestações eram adequadas ao período de pré-formação do cânon bíblico. Contudo, na medida em que os apóstolos escreviam essas cartas, elas eram consideradas como Escritura e serviam de base para a instrução da igreja — até que, finalmente, o Novo Testamento ficou completo e passou a ser a única regra de fé e prática da igreja cristã.

É por isso que hoje sabemos que não temos novas revelações. Deus não está mais revelando verdades, pois o que tinha a nos dizer o fez por meio dos apóstolos e seus colaboradores, os autores dos livros do Novo Testamento.

Portanto, a Bíblia é de fato a Palavra de Deus e está completa. O Senhor não revela mais novas verdades, pois nos fala por meio de sua Palavra. Os cristãos poderiam esperar que Deus lhes desse uma visão

que os ajudasse a combater a heresia de Colossos. No entanto, Paulo teve de escrever uma carta, que foi usada na igreja para instruir a todos. Nada substitui de fato a palavra escrita.

A seguir, Paulo exorta um jovem chamado Arquipo, que talvez fosse pastor. Como ele aparece no início da epístola a Filemom, é possível que tenha sido filho de Filemom e pastor da igreja. O apóstolo o admoesta dizendo: "E dizei a Arquipo: Cuida do ministério que recebeste no Senhor, para que o cumpras" (4.17). Ele talvez fosse alguém vocacionado para o ministério pastoral que estava negligenciando seu chamado. Do mesmo modo, Paulo está, também, exortando gente que em nossos dias age como Arquipo.

Por fim, o autor autentica a carta: "Eu, Paulo, cumprimento-vos de próprio punho". Isso significa que não foi ele quem escreveu o texto, mas ditou e alguém pôs suas palavras no papel. Como Timóteo é mencionado no início da carta (1.1), é possível que ele tenha sido o amanuense que a escreveu. Assim, o apóstolo ditava, seu discípulo escrevia e, para autenticar o que ali estava registrado, Paulo diz: a saudação quem escreve sou eu. Ele assinava porque, já naquele tempo, algumas cartas em seu nome estavam circulando, mas, na verdade, não eram de sua autoria. Isso pode ser visto, por exemplo, em 2Tessalonicenses, em que é mencionada uma carta espúria atribuída a ele (2Ts 3.17).

O texto caminha para o final com um pedido curto, mas que carrega em si um enorme peso: "Lembrai-vos das minhas prisões." Paulo estava preso por causa deles e, por isso, pedia que orassem por sua vida, que não se esquecessem dele. E termina, enfim, com uma oração: "A graça esteja convosco".

CONCLUSÕES GERAIS

Depois de terminar a leitura dos quatro capítulos da epístola de Paulo aos colossenses, é possível tirar muitas lições para a igreja evangélica de nossos dias. Três delas se destacam:

Embora os cristãos precisem pensar e focar nas coisas lá de cima, têm responsabilidades terrenas

Os cristãos têm responsabilidades com diversos segmentos de suas vidas: família, igreja, filhos, colaboradores, irmãos e tantos outros. Tradicionalmente, ao longo da história, a igreja tem vivido dois extremos: o primeiro é o do ascetismo monástico espiritualista, que criou os mosteiros na Idade Média, quando os cristãos pensaram que seu chamado era para se afastar do mundo. Por isso, fundaram comunidades que viviam longe da realidade, da cultura e da sociedade. Nesses guetos, eles tentaram viver em família, juntos, completamente distanciados da sociedade secular.

Alguns de seus representantes modernos são os *Amish* e os *Quakers*, grupos de cristãos que, depois da Reforma, entenderam que tinham de se abster de tudo, da política à vida em sociedade como um todo. Assim, fecham-se em suas fazendas, onde se casam entre si, têm suas próprias regras e vivem em comunidades completamente afastadas do mundo.

Esse tipo de atitude deu motivo para que, ao longo da história, pessoas criticassem o cristianismo, chamando-o de *alienante*. O famoso ateu Karl Marx disse que "a religião é o ópio do povo", refletindo um conceito que já havia antes dele. Embora ele tenha

falado de maneira genérica, seu alvo evidente era o cristianismo, a religião que dominava a sua cultura e época. O que está por detrás dessa declaração é que, uma vez que a pessoa se torna cristã, ela só passa a pensar nas realidades futuras e espirituais e se esquece das terrenas. Infelizmente, essa crítica tem certa razão de ser, embora a generalização seja indevida.

O outro extremo é quando os cristãos se mundanizam, se tornam materialistas e só pensam nas coisas terrenas, esquecendo-se de pensar nas coisas de cima. A igreja tem sido acusada disso também. Os crentes se tornam prósperos; abastados; bem de vida; ocupam-se apenas de seus empregos, trabalhos e empreendimentos; vivem a vida plenamente — mas têm pouco tempo para dedicar às coisas de Deus. Esse é extremo oposto.

É preciso andar no meio, ter equilíbrio. Precisamos pensar nas coisas de cima, mas também viver neste mundo como cidadãos. Os cristãos devem buscar constantemente a Deus e o seu reino, sem esquecer que eles têm responsabilidades relacionadas à família, ao emprego, à igreja, à sociedade, à política, à cultura e até mesmo à arte, pois tudo isso está debaixo do senhorio de Cristo.

Neste mundo os cristãos têm de conviver com a igreja de Cristo, lembrando-se sempre de sua unidade, diversidade e imperfeições

A lista de pessoas que Paulo menciona no final da carta deixa isso muito claro. Ele havia dito que, nessa nova humanidade (3.11), não há diferença, mas há uma enorme diversidade. Por exemplo, havia judeus e gentios entre os colegas de Paulo na prisão, a condição social das pessoas que estavam ao redor dele também era bem variada — do escravo Onésimo à Ninfa, uma rica senhora que hospedava uma igreja em sua casa; do espiritual e fiel servo Epafras ao traidor e apóstata Demas. Além disso, havia indivíduos com dons e vocações diferentes,

como Arquipo (pastor) e Lucas (médico); gente de renome, como Barnabé, e desconhecidos, como Jesus, o justo.

Toda essa diversidade humana estava ali, ao redor de Paulo, na "igreja" de Paulo. É interessante pensar como seria viver em uma igreja assim. A igreja é plural. Nesse sentido, por mais familiar que seja, nela há pessoas de chamados, vocações, posições sociais, perspectivas e panos de fundo diferentes — e somos obrigados a conviver com a pluralidade e a diversidade da igreja e as imperfeições que procedem disso. Essa realidade gera conflitos, discórdias, desentendimentos e uma série de outras questões.

Qual deve ser a atitude do crente diante disso? Paulo diz o tempo todo que devemos suportar uns aos outros. É preciso suportar, ter a capacidade de conviver com o contraditório. Quando alguém não suporta o contraditório, acaba indo embora. Suportar é continuar amando o outro, mesmo quando discorda dele — a não ser que essa discordância seja em algo central, como o fato de a pessoa ter se transformado em um seguidor de alguma heresia como a de Colossos. No entanto, quando se professa a mesma fé em Jesus, quando se serve ao mesmo Senhor exaltado e glorificado, então é preciso aprender a se suportar nas diferenças, porque os seres humanos são todos diferentes.

Há espaço para a diferença e para se suportar em amor. Por isso, Paulo disse que o amor é o vinculo da perfeição, pois é a maneira perfeita de unir as pessoas. O amor procede de Cristo — por isso, não devemos desistir da igreja.

Há pessoas que olham para a igreja e dizem que ela se corrompeu, que é uma instituição falida. Muitas se dizem cristãs, mas não querem ir à igreja. Só que, quando se lê uma carta como Colossenses, é possível perceber que, desde o início, a igreja era assim. Sempre houve dentro dela pessoas como Demas, Arquipo e Onésimo, um ladrão fugitivo. A igreja sempre comportou esses tipos de indivíduos. Portanto, se alguém desistir da comunhão eclesiástica por ver

imperfeições e diferenças, não compreende que a igreja aqui neste mundo é mesmo imperfeita, composta por pecadores — os quais Deus põe lado a lado para treiná-los, ensiná-los a perdoar, suportar, amar. A igreja é apenas um vislumbre da realidade que aguarda os cristãos no céu e na nova terra, onde habita a justiça.

Portanto, não desista da igreja. Ela existe por vontade de Deus. Se alguém sai de uma congregação esperando encontrar outra melhor, engana-se, pois vai encontrar a mesma coisa. Somos todos pecadores, obrigados a viver sob o mesmo teto; e como pecadores que somos, vamos brigar, discutir, pensar diferente, entender de forma diversa. Somente Cristo pode de fato nos capacitar a viver juntos, em união.

A carta aos Colossenses tem como ponto central a suficiência e a supremacia de Cristo

Em Jesus somos plenamente salvos e santificados. Estamos unidos a ele em sua morte e ressurreição e de nada mais precisamos. Nele estamos completos, Ele é a base da nossa vida neste mundo. A partir dessa nossa união com ele, mortificamos a velha natureza, nos revestimos da nova, cumprimos nossos deveres e convivemos com os irmãos na igreja — com toda sua variedade e diversidade — até que o Senhor volte.

Essa é a mensagem central dessa carta maravilhosa. Queira nosso Deus fazer com que não somente compreendamos essa mensagem, mas que a vivamos com toda intensidade e em toda sua plenitude.


AUGUSTUS NICODEMUS
O CULTO SEGUNDO DEUS
A MENSAGEM DE MALAQUIAS PARA A IGREJA DE HOJE
VIDA NOVA

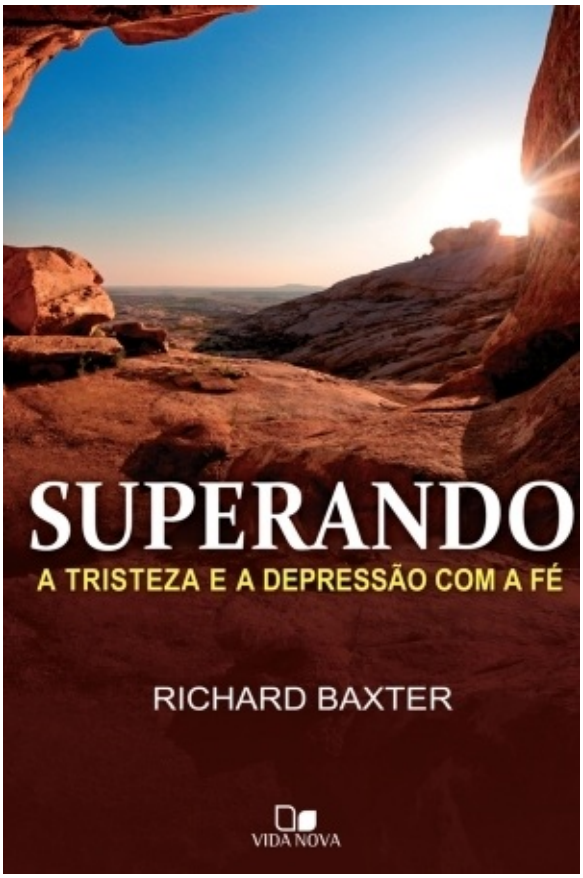
Conheça também!

O CULTO SEGUNDO DEUS
a mensagem de Malaquias para a igreja de hoje

Augustus Nicodemus

Em nossos dias, assim como na época de Malaquias, o culto a Deus tem sido desvirtuado das mais diversas maneiras. Embora muitos pensem que nada temos a aprender com o Antigo Testamento em matéria de culto, estão enganados. Ao levantarem sua voz contra o povo de Deus de sua época, por haver desvirtuado o culto ao Senhor, os profetas usaram como argumentos princípios relativos à adoração a Deus que certamente se aplicam ao povo de Deus de todas as épocas.

Também disponível em e-book.
Mais informações acesse:
www.vidanova.com.br


SUPERANDO
A TRISTEZA E A DEPRESSÃO COM A FÉ
RICHARD BAXTER
VIDA NOVA

Superando a tristeza e a depressão com a fé

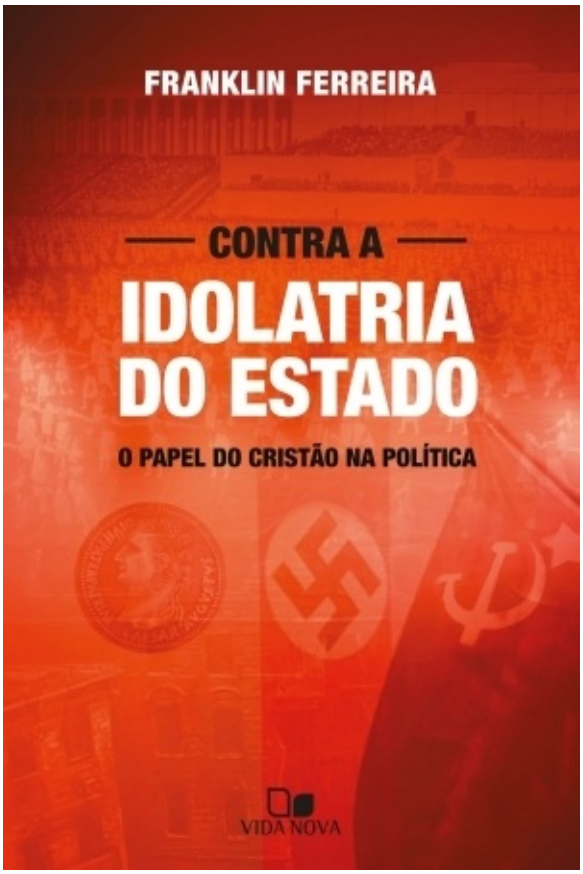
Baxter, Richard
9788527506564
96 páginas

Compre agora e leia

A obra oferece insights de grande valia a pastores, conselheiros e outros profissionais envolvidos na tarefa de aconselhar e acompanhar pessoas que estejam passando por depressão. Quem estiver experimentando ou já experimentou situações como essa também encontrará nesta obra ajuda prática e eficaz.

Os ensinamentos de Baxter refletem uma inteligência notável, fruto de observação cuidadosa, meditação e análise das Escrituras [...]. Baxter vê a ação pastoral como o cuidado de vidas concretas, o que implicará conhecer cada ovelha e não apenas ministrar no coletivo anônimo. Ajudando a pensar com base nas Escrituras, ele espanta a ignorância e possibilita a liberdade da alma e o crescimento emocional pelo desfrute da graça de Deus.
AGEU HENRIGER LISBOA, psicólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Compre agora e leia


FRANKLIN FERREIRA
CONTRA A
IDOLATRIA
DO ESTADO
O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA
VIDA NOVA

Contra a idolatria do Estado

Ferreira, Franklin
9788527506649
288 páginas

Compre agora e leia

Contra a idolatria do Estado oferece ao leitor uma oportunidade singular de se posicionar de maneira ativa e consciente no atual cenário político nacional e internacional. Por meio da mensagem evangélica, a "religião do Estado" é confrontada e a ação política cristã é legitimada, ao mesmo tempo que qualquer autoridade humana é submetida à autoridade soberana de Deus, o único a quem devemos culto em todas as esferas de nossa vida.

Compre agora e leia

Jonathan Edwards

A Verdadeira Obra do Espírito

Sinais de autenticidade



A verdadeira obra do Espírito

Edwards, Jonathan
9788527506540
104 páginas

Compre agora e leia

Esta obra é uma exposição de 1 João 4 feita com maestria e brilhantismo por Jonathan Edwards, que nos exorta a provar a procedência dos espíritos, de acordo com a recomendação do apóstolo João.

Os pensamentos do autor surgiram da necessidade de instruir os cristãos que viveram numa época de grande agitação e confusão, à medida que se faziam todos os tipos de reivindicação espiritual. Não é preciso dizer que a situação no Brasil de hoje apresenta muitas semelhanças.

Compre agora e leia


A MENTE
DE CRISTO:
CONVERSÃO
E COSMOVISÃO
CRISTÃ
VIDA NOVA
NORMA BRAGA VENÂNCIO

A mente de Cristo

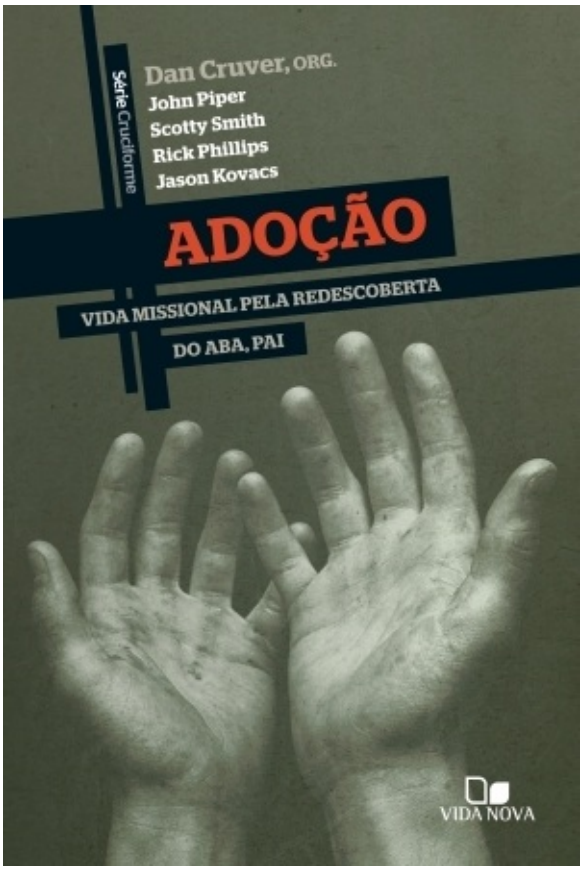
Venâncio, Norma Braga
9788527505192
224 páginas

Compre agora e leia

Este livro é composto por uma coletânea formada de artigos inéditos e de uma seleção dos artigos mais relevantes que a autora já escreveu em seu prestigiado blog. Nele Norma Braga submete temas como politicamente correto, "cubanização", "totalitarismo da vítima", homofobia, sexualidade, casamento, justiça social, infanticídio, ateísmo, racismo, pedofilia e arte moderna a uma crítica rigorosa a partir do referencial dos valores cristãos e do bom senso. Ao analisar as mais estranhas ideias defendidas por líderes evangélicos em tempos recentes, Norma trata com imparcialidade conceitos similares e atuantes dentro do arraial evangélico.

Para os evangélicos esquerdistas que acham que a crítica contra aborto, feminismo, lobby gay, socialismo, marxismo e outros itens caros à agenda da esquerda é coisa de pastores e teólogos machistas, este livro vai cair como uma bomba no quintal deles.

Compre agora e leia


Série Cruciforme
Dan Cruver, ORG.
John Piper
Scotty Smith
Rick Phillips
Jason Kovacs
ADOÇÃO
VIDA MISSIONAL PELA REDESCOBERTA
DO ABA, PAI
VIDA NOVA

Adoção

Cruver, Dan
9788527505147
128 páginas

Compre agora e leia

Você entende o verdadeiro significado da adoção?

A nossa adoção por Deus é, muitas vezes, algo difícil de compreendermos. Contudo, não se trata apenas de um conceito teológico que devemos entender intelectualmente. Este livro nos mostra que ela deve nos levar a um viver missional, a viver a missão de Cristo, amando os órfãos, as viúvas e os desamparados deste mundo. "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4.19).

Organizada por Dan Cruver e com a participação dos autores John Piper, Scotty Smith, Richard D. Phillips e Jason Kovacs esta obra vai certamente ajudar o leitor a compreender o maravilhoso amor adotivo de Deus.

Compre agora e leia